



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

A relação entre Autoeficácia Parental, *Stress* Parental e Conflito Trabalho-Família durante a pandemia *Covid-19*

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Educação**.

Marta Alexandra Vieira e Silva

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

OUTUBRO 2022



CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

A relação entre Autoeficácia Parental, *Stress* Parental e Conflito Trabalho-Família durante a pandemia *Covid-19*

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Educação**.

Marta Alexandra Vieira e Silva

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Ângela Sá
Azevedo**

Agradecimentos

A concretização do meu percurso acadêmico não poderia ter sido exequível sem o apoio de algumas pessoas indispensáveis na minha vida, às quais agradeço e dedico esta dissertação.

Assim, tenho de agradecer,

À Prof.^a Doutora Ângela Azevedo, minha orientadora, pela orientação e acompanhamento prestado no decorrer de todo o percurso, pela disponibilidade e partilha de conhecimentos.

Aos meus pais, pelo esforço, apoio incondicional e compreensão, juntamente com oportunidade que me proporcionaram de poder alcançar esta meta. Sem vocês, não poderia ser alcançável.

À minha irmã, por sempre me fazer ver os aspetos positivos nos momentos mais complicados, por me ajudar em todo o processo de elaboração dos meus projetos, pela força, e dedicação.

Ao meu companheiro, por ter estado incondicionalmente a meu lado, por todo o encorajamento, pela paciência e por acreditar sempre em mim.

Às minhas amigas que partilharam este percurso comigo e por sempre nos termos apoiado mutuamente, tornando esta fase mais leve e descomplicada. E aos meus restantes amigos, que sempre tiveram paciência e uma palavra de carinho para me dar.

Agradeço muito a todos os que tornaram possível a concretização desta fase!

Resumo

O presente projeto insere-se no Mestrado em Psicologia da Educação, tendo como objetivo apresentar o estudo sobre a relação entre *stress* parental, autoeficácia parental e conflito trabalho-família durante a pandemia *Covid-19*. Participaram neste estudo 146 encarregados de educação, com idades entre os 27 e os 50 anos ($M=42.08$, $DP=5.28$). Têm na sua maioria dois filhos ($n=72$), o grau de licenciado ($n=78$) e 122 estão casados (83.6%). Durante a pandemia revelaram ter exercido as suas funções laborais que não englobassem apenas teletrabalho e o modo presencial ($n=56$, 38.4%). Foram recolhidos dados a partir de dois questionários (sociodemográfico e sobre a experiência no confinamento), das Escalas da Autoeficácia Parental, do *Stress* Parental e do Conflito Trabalho-família. Os resultados por nós obtidos revelaram existem relações entre o *Stress* Parental e o Conflito Trabalho-família e que as restantes relações com a Autoeficácia Parental estão parcialmente confirmadas. O número de filhos exerce influência apenas na Autoeficácia Parental Negativa pelo aumento de atitudes de controlo parentais face ao desenvolvimento da criança e nos níveis de Falta de Controlo, isto é, o maior número de filhos relaciona-se com um menor controlo por parte destes, tendo influência no *stress*. Ademais, os Medos e Angústias dos pais tendem a aumentar consoante o aumento da idade influenciando, por sua vez os níveis de *stress*. Reconhece-se a necessidade de realizar estudos longitudinais e analisar o impacto da pandemia não só a nível parental, mas também familiar (pais-filhos e filhos-pais).

Palavras-chave: autoeficácia parental, *stress* parental, conflito trabalho-família, Covid-19, variáveis sociodemográficas

Abstract

This project is part of the Master degree in Educational Psychology, with the objective of presenting the study on the relationship between parental stress, parental self-efficacy and work-family conflict during the Covid-19 pandemic. Participated in this study 146 parents, aged between 27 and 50 years ($M=42.08$, $SD=5.28$). Most of them have two children ($n=72$), a bachelor's degree ($n=78$) and 122 are married (83.6%). During the pandemic, they revealed that they carried out their work functions that did not only encompass teleworking and face-to-face ($n=56$, 38.4%). Data were collected from two questionnaires (sociodemographic and about the experience in confinement), from the Parental Self-Efficacy Scales, from Parental Stress and from Work-Family Conflict. The results obtained by us revealed that there are relationships between Parental Stress and Work-Family Conflict and that the remaining relationships with Parental Self-Efficacy are partially confirmed. The number of children only influences the Negative Parental Self-Efficacy due to the increase in parental control attitudes towards the child's development and in the levels of Lack of Control, that is, the greater number of children is related to less control by them, influencing stress. Furthermore, parents' fears and anxieties tend to increase with increasing age, in turn influencing stress levels. It is recognized the need to carry out longitudinal studies and analyze the impact of the pandemic not only at the parental level, but also at the family level (parents-children and children-parents).

Keywords: parental self-efficacy, parental *stress*, work-family conflict, *Covid-19*, sociodemographic variables

Índice

Introdução	1
Enquadramento teórico.....	3
1. Conceptualização Teórica da Autoeficácia Parental	3
1.1 Estudos Sobre a Autoeficácia Parental, Variáveis Sociodemográficas e Pandemia	5
2. Conceptualização Teórica do Stress Parental.....	7
2.1 Estudos Sobre o Stress Parental e as Variáveis Sociodemográficas e Pandemia.....	9
3. Conceptualização Teórica Sobre o Conflito Trabalho-Família.....	12
3.1 Estudos Sobre Conflito Trabalho-família, Variáveis Sociodemográficas e Pandemia	15
4. Estudos Sobre a Relação entre Autoeficácia Parental, Stress Parental e Conflito Trabalho-família	17
Estudo empírico.....	19
1. Método.....	19
2. Objetivos do Estudo.....	19
3. Hipóteses do Estudo e Questão de Investigação	20
4. Caracterização da Amostra.....	21
5. Instrumentos de avaliação	21
5.1 QSD- Questionário Sociodemográfico.....	21
5.2 EAEP- Escala de Autoeficácia Parental (Brites, 2010).....	23
5.3 ESP- Escala do Stress Parental (Berry & Jones, 1995, versão adaptado por Mixão et al., 2007)	23
5.4. WFCS-Escala Conflito Trabalho-Família (Carlson et al., 2000 validada por Vieira et al., 2014).....	24
6. Procedimento.....	25
7. Amostra	26
Resultados.....	28
Discussão.....	45
Conclusão	55
Referências Bibliográficas.....	59

Índice de anexos

Anexo 1- Cronograma de atividades	71
Anexo 2- Questionário Sociodemográfico	Erro! Marcador não definido.
Anexo 3- Escala de Autoeficácia Parental	73
Anexo 4- Escala de stress parental	77
Anexo 5- Escala de Conflito Trabalho-Família.....	78
Anexo 6- Pedido de autorização e Consentimento informado	79
Anexo 7- Análise da normalidade da amostra.....	82
Anexo 8- Resultados.....	82

Índice de Tabelas

Tabela 1. Estatísticas Descritivas da Amostra.....	26
Tabela 2. Estatísticas Descritivas da Experiência no Confinamento.....	27
Tabela 1. Autoeficácia Parental e Stress Parental.....	29
Tabela 1.1 Stress Parental e Conflito Trabalho-Família.....	30
Tabela 1.2 Autoeficácia Parental e Conflito Trabalho-Família.....	31
Tabela 1.3 Autoeficácia Parental, Stress Parental e Conflito Trabalho-Família...	33
Tabela 2. Autoeficácia Parental e Género.....	34
Tabela 2.1. Autoeficácia Parental, Stress parental e Género.....	34
Tabela 2.2. Stress Parental e Género.....	35
Tabela 2.3 Conflito Trabalho-Família e Género.....	36
Tabela 3. Autoeficácia Parental, Stress Parental e Conflito Trabalho-Família e Número de Filhos.....	36
Tabela 3.1 Autoeficácia Parental, Stress parental e Número de Filhos.....	38
Tabela 4. Stress Parental e Estado Civil.....	38
Tabela 4.1 Stress Parental e Estado Civil.....	39
Tabela 5. Autoeficácia Parental, Stress Parental e a Escolaridade dos Pais.....	39
Tabela 5.1 Autoeficácia Parental, Stress Parental e a Escolaridade dos Pais.....	40
Tabela 6. Autoeficácia Parental, Conflito Trabalho-Família e a Idade dos Filhos.....	41
Tabela 6.1 Autoeficácia Parental e a Idade dos Filhos.....	41
Tabela 7. Stress Parental e a Idade dos Pais.....	42
Tabela 7.1 Stress Parental e a Idade dos Pais.....	43
Tabela 8. Autoeficácia Parental, Stress Parental, Conflito Trabalho-Família e Formas de Trabalho.....	43
Tabela 8.1 Autoeficácia Parental, Stress Parental e Formas de Trabalho.....	44

Lista de Siglas

ACPPD- Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento

CC - Conflito baseado no Comportamento

CN- Controlo Negativo

CT- Conflito baseado no Tempo

CTN- Conflito baseado na Tensão

EAEP- Escala de Autoeficácia parental

EAPN- Escala da Autoeficácia Parental Negativa

EAPP- Escala da Autoeficácia Parental Positiva

EIS- Equilíbrio Independência-Segurança

ESP- Escala do Stress Parental

FC- Falta de Controlo

MA - Medos e Angústias

PND- Permissividade, Negligência e Desinteresse

PP- Preocupações Parentais

QSD- Questionário Sociodemográfico

SP- Satisfação Parental

SPSS- *Statistical Package for Social Sciences*

WFCS/ECTF-Escala Conflito Trabalho-família

Introdução

O presente projeto tem como intuito estudar a relação entre autoeficácia parental, *stress* parental e conflito trabalho-família durante a pandemia *Covid-19*.

Nas últimas décadas, as mudanças na sociedade e no mundo do trabalho geraram conflitos e tornaram as responsabilidades profissionais e familiares cada vez mais importantes nos dias de hoje (Santos, 2015).

A construção de uma família é a força motriz básica da humanidade e é considerada o elemento central da sobrevivência humana sustentável e do crescimento pessoal e social, afetando diversos subsistemas (Alarcão, 2006). A literatura descreve os momentos de transição familiar relacionando-os com o aumento do *stress*, pois o nascimento de um filho envolve a reestruturação do sistema familiar, e a necessidade de redefinição de papéis (Moura-Ramos & Canavarro, 2007).

Neste seguimento, a autoeficácia dos pais é definida como a percepção da eficiência e habilidade na experiência de alguém como pai ou mãe. Estando esta relacionada às crenças dos pais na sua capacidade de fornecer suporte social, cultural e emocional, necessário para que os seus filhos funcionem de forma eficaz e com sucesso ao longo do seu desenvolvimento (Raj & Appu, 2021). Por sua vez, segundo Erdwins e colaboradores (2001) descobriram que a autoeficácia no trabalho e na família é um indicador significativo de um menor conflito entre o trabalho-família e que uma maior autoeficácia por parte dos pais está associada a um menor nível de *stress* parental (Morelli et al., 2020).

Deste modo, o *stress* parental é definido como uma reação psicológica oposta, diante da exigência de ser pai ou mãe, e diante do medo de não poder enfrentá-la adequadamente, o que produzirá emoções negativas em relação à criança e/ ou a si mesma (Crnic & Low, 2002). Denota-se também como uma vivência de stress excessivo no sistema familiar, que perturba o equilíbrio familiar e que pode ter impacto em várias áreas, incluindo a satisfação no trabalho (Carlson et al., 2000; Vieira et al., 2012).

Por isso, para compreender o conceito de conflito trabalho-família, deve-se ter em conta que a família e o trabalho são tidos como aspetos relevantes na satisfação e bem-estar das pessoas (Guerrero, 2003). Estes aspetos encontram-se bastante associados e com interferência um no outro dado que, as condições de trabalho e o ambiente familiar podem não ser compatíveis dificultando assim o seu desempenho (Slan - Jerusalem & Chen 2009). Segundo Greenhouse e Powell (2006), o conflito entre o trabalho e a família decorre das responsabilidades incompatíveis e da competição de papéis, bem como de necessidades psicológicas e emocionais relacionadas à participação dos vários papéis das

figuras parentais, podendo levar ao esgotamento do seu tempo e recursos (Vieira et al., 2016).

Desta forma, existem evidências de que uma ideia pejorativa do complexo conflito-trabalho combina com a noção de autoeficácia parental (Cinamon et al., 2007), assim como com uma associação entre o *stress* parental e o descontentamento familiar e laboral (Vieira et al., 2012). Além disso, poucas investigações procuram estudar o impacto do conflito na conciliação entre o trabalho e a família no exercício da parentalidade (Eby et al., 2005), bem como averiguar o nível de stress e os conflitos associados com a educação infantil (Lin et al., 2016).

Efetivamente, pesquisas emergentes demonstraram que o impacto sentido pelos pais durante a *Covid-19* está associado ao aumento do *stress* parental e, por sua vez, ao aumento do risco na parentalidade (Chung et al., 2020a). Por conseguinte, Wang e colaboradores (2020) referiram a pertinência em compreender globalmente o funcionamento familiar. Deste modo, o *stress* da quarentena pode, igualmente, afetar o bem-estar psicológico dos adultos a longo prazo, conforme confirmado numa revisão recente (Brooks et al., 2020). Além disso, algumas famílias enfrentam outros desafios, como trabalhar em casa e ao mesmo tempo cuidar e educar os seus filhos. Tendo surgido, o conflito trabalho-família, associado à diminuição da autoeficácia dos pais (Raj & Appu, 2021).

Por fim, este projeto é constituído por quatro partes em que uma primeira é dedicada ao enquadramento teórico, que pretende conceptualizar e caracterizar as temáticas acima descritas juntamente com a revisão dos estudos que lhes estão associadas. A segunda é referente à metodologia do estudo, na qual apresenta o método, o objetivo geral e específicos, as hipóteses, a caracterização da amostra, os instrumentos utilizados e o procedimento. A terceira refere-se à apresentação dos principais resultados obtidos no estudo e, por último, a discussão e conclusão do mesmo.

Enquadramento Teórico

O enquadramento teórico diz respeito à revisão da literatura das temáticas abordadas que permite sustentar do ponto de vista teórico o estudo empírico. Primeiramente, nos pontos 1, 2 e 3 serão descritas as conceptualizações teóricas do *stress* e da autoeficácia parental e do conflito trabalho-família, respetivamente. Assim como o impacto tido pela pandemia e os estudos relacionados com as variáveis sociodemográficas. Por fim, no ponto 4 serão apresentadas as investigações relativas à relação entre as três variáveis principais do estudo.

1. Conceptualização Teórica da Autoeficácia Parental

A autoeficácia pode ser descrita, segundo Bandura (1977), como a consciência dos indivíduos relativamente à sua competência em tomar decisões e realizar os procedimentos necessários para almejar determinado objetivo. Além disto, o autor alega que as relações entre o comportamento e o conhecimento são equilibradas por estas perceções, ditando se a ação apropriada deverá ser iniciada, quanto empenho deverá ser aplicado ou até quanto tempo será dispensado, tendo em conta as adversidades (Bandura, 1989). Numa perspetiva mais tradicional de Bandura (1977), a autoeficácia dos pais pode ser afetada pelo sofrimento psicológico causado por fatores como falta de apoio social ou depressão (Jones & Prinz, 2005). Como a autoeficácia constitui uma parte fundamental na mudança do comportamento, tornou-se um dos processos cognitivos mais estudados (Bandura, 1977). Assim, nos estudos realizados sobre a autoeficácia parental, constata-se duas teorias notáveis de desenvolvimento: as motivacionais e cognitivas (Gecas, 1989), no entanto, as teorias cognitivas adquirem mais importância na literatura. Sendo, que a principal precursora do estudo contemporâneo da eficácia é a teoria sociocognitiva (Bandura, 1977).

Desta forma, de acordo com Caprara e colaboradores (2004), definir as perceções de autoeficácia como uma característica global não é o mais adequado, dado que estas devem ser correlacionadas a diversos domínios do desempenho humano. Por outro lado, Brites e Nunes (2010) consideram que a autoeficácia deverá ser compreendida na sua dupla vertente, com domínios complementares e cuja interação estará dependente da importância atribuída subjetivamente a cada domínio, assim como do nível de exigência pessoal e da capacidade de autoavaliação. Em adição, este construto pode ser incluído em aspetos gerais da vida do indivíduo, como por exemplo a capacidade física e a competência na parentalidade ou no trabalho, e da sua própria perceção de aptidão de

influenciar habilmente o comportamento dos filhos (Coleman et al., 2002; Dumka et al., 2010).

A autoeficácia dos pais representa uma relevante fonte de resiliência em circunstâncias *stressantes* (Jones & Prinz, 2005). Por exemplo, pesquisas anteriores documentaram uma associação entre autoeficácia parental e um maior bem-estar familiar. Este fenómeno deve-se à capacidade adquirida de proporcionar uma parentalidade competente e de qualidade, mesmo quando confrontados com desafios e adversidades (Crnic & Ross, 2017). O comportamento, evolução e saúde mental das crianças e dos pais e a qualidade da relação parental são influenciadas diretamente e inevitavelmente pela autoeficácia (Albanese et al., 2019). Vários investigadores e teóricos estabeleceram, consensualmente, uma definição para autoeficácia parental como “as percepções dos pais sobre a sua capacidade para influenciar os filhos e o meio ambiente de maneira a promover o desenvolvimento adaptativo e o sucesso da criança” (Jones & Prinz, 2005, p. 342). Segundo outro ponto de vista, Grusec e colaboradores (1994) dividem as percepções de autoeficácia parental em três origens: as vivências que os cuidadores dos pais proporcionaram a estes na infância, assim como a experiência pais-filhos, e o contexto cultural dos progenitores. Se bem que, mesmo considerando todas as fontes referidas, conclui-se que são as experiências de infância entre pais e cuidadores que desempenham a principal fundação das cognições parentais.

Conforme Glatz e Buchanan (2015), a autoeficácia parental é o resultado da combinação de duas categorias, que abrangem, respetivamente: as características dos filhos e as vivências pais-filhos, como a qualidade da relação e a personalidade/comportamento das crianças, e as condições demográficas como, por exemplo, idade, escolaridade, etnia, género ou circunstância socioeconómica, ou seja, de forma mais geral, o contexto ecológico (Jones & Prinz, 2005).

Da mesma forma, a autoeficácia, especificamente a autoeficácia dos pais, pode funcionar como um mediador entre as variáveis ambientais ou condições psicológicas relacionadas a uma situação externa (e.g. o *stress* relacionado à pandemia) e a competência dos pais. Efetivamente, os aspetos ambientais podem afetar indiretamente a confiança dos pais em serem competentes na gestão das tarefas parentais, o que pode conduzir a um bem-estar psicológico inferior das crianças (Jones & Prinz, 2005). Nesta mesma linha de ideias, as perturbações sociais causadas pelas medidas do *Covid-19* atingem, também, o bem-estar familiar e consequentemente a relação conjugal, que é alterada pelo teletrabalho e pelo ensino à distância. Dados mostram que em pandemias

anteriores, ocorreram alguns casos de relações conjugais familiares que melhoraram, uma vez que ambos os parceiros foram capazes de fornecer apoio um ao outro (Farewell et al., 2020; Günther-Bel et al., 2020; Prime et al., 2020).

Por esse motivo, é importante que os pais possuam uma adequada autoeficácia parental, de forma a praticar estratégias parentais positivas capazes de promover o funcionamento adaptativo e a regulação emocional dos filhos (Stack et al., 2010).

1.1 Estudos sobre a Autoeficácia Parental, Variáveis Sociodemográficas e Pandemia

Em relação ao nível socioeconómico, é comprovado por Jones e Prinz (2005) que um menor poder económico interfere no desenvolvimento da autoeficácia parental, devido às dificuldades na educação dos filhos e ao contexto social. Por consequência esta falta de poder económico potencia a sensação de impotência e de falta de controlo pelos esforços da diminuição dos possíveis efeitos negativos no desenvolvimento dos seus filhos. Por conseguinte, o desemprego é considerado por Dumka e colaboradores (2010) como um fator que decresce os níveis desta variável.

Relativamente ao género da figura parental, são as mães que tendem a demonstrar maiores níveis de autoeficácia parental, nomeadamente nos domínios de cuidados instrumentais, na disponibilidade e no suporte emocional e os pais no domínio da disciplina (Costa & Faria, 2015; Ferreira et al., 2014; Meunier & Roskam, 2009). Esta conclusão talvez se possa dever à propensão que a figura materna tem de comunicar e de se envolver nas atividades e tarefas familiares (Bandura et al., 2011).

Num estudo realizado em Boston (Peacock-Chambers et al., 2017) com uma amostra com 144 pais com filhos entre os 15 e os 36 meses, cujo objetivo se prendia por examinar se os fatores sociodemográficos associados à alta autoeficácia dos pais, e por determinar como a autoeficácia se relaciona com o ambiente de aprendizagem em casa revelou que, aqueles que se identificaram como "separados" dos seus parceiros pontuaram quase 10 pontos abaixo, em média, na escala de autoeficácia dos participantes que eram casados, solteiros ou divorciados.

No que concerne ao número de filhos, há evidências de diferenças nas perceções de autoeficácia parental, ou seja, são pais com mais do que um filho que apresentam maior autoeficácia e para além disso, são as mães com mais de um filho apresentam perceções elevadas de autoeficácia (Ferreira et al., 2014; Ulfssdotter et al., 2014). Contrariamente, a investigação de Coleman e Karraker (2000) postula que as mães com mais de um filho não apresentam níveis mais elevados de autoeficácia parental, em comparação às mães

com apenas um filho. Um estudo de Figueroa e colaboradores (2012) evidenciou a existência de uma relação significativa e negativa entre autoeficácia parental e número de filhos.

Quanto à escolaridade dos pais, existem evidências de que uma maior percepção de autoeficácia parental prediz um maior nível de escolaridade parental (Seabra-Santos et al., 2015). De acordo com Ferreira e colaboradores (2014), as mães com mais escolaridade demonstram valores mais baixos de autoeficácia no domínio da parentalidade e maiores níveis no domínio da escolaridade dos filhos. Partilhando da mesma visão, os autores Coleman e Karraker (2000), predizem que uma maior escolaridade materna está associada a maior autoeficácia. Ainda, Ulfsdotter e colaboradores (2014) mostram que, a variável da escolaridade pode exercer um papel mediador na autoeficácia dos progenitores e que um nível mais elevado desta está relacionado com uma maior escolaridade. Neste seguimento, Peacock-Chambers e colaboradores (2017) revelaram que os participantes da sua investigação que concluíram o ensino médio, revelaram maior autoeficácia média.

No que diz respeito à idade dos filhos, é indicado por alguns autores (Ferreira et al., 2014; Glatz & Buchanan, 2015) que ao longo pré-adolescência/adolescência os progenitores tendem a revelar níveis mais reduzidos de autoeficácia. Aliás, é também dito que existe um declínio da autoeficácia parental mais significativo entre o período escolar (6 a 12 anos) e a adolescência (13 a 18 anos) (Ballenski & Cook, 1982). Contrariamente, estudos de Carless e colaboradores (2015) e Seabra-Santos e colaboradores (2015), revelam não existir diferenças notórias desta variável do período da infância à adolescência, podendo indicar que uma maior autoeficácia está presente nos primeiros anos de vida das crianças seguindo-se de uma estabilidade nos seguintes anos.

Neste estudo realizado por Xue e colaboradores (2021), com uma amostra de 104 pais e 103 crianças que pretende determinar o efeito das medidas do *Covid-19* na autoeficácia dos pais, sintomas depressivos, satisfação do casal e qualidade de vida em recém pais, demonstraram resultados que indicam que a autoeficácia parental baixou significativamente durante o período de confinamento pelo desconhecimento, incertezas, falta de suporte e de interações sociais.

Num estudo na Sérvia (Radanović et al., 2020) com uma amostra de 376 pais, com filhos entre os 7 e os 19 anos, que se centrava em explorar a qualidade das práticas parentais durante a pandemia e suas relações com as características e o medo dos pais, bem como com o medo das crianças, assim, foram evidenciados resultados que apontaram

para a capacidade dos pais em manterem a sua autoeficácia de forma a minimizar os riscos para o bem-estar dos filhos, o que vai de encontro à literatura (Elder, 1995 citado por Radanović et al., 2020) que afirma que em situações *stressantes* como pandemias, existe uma forte associação entre boa autoeficácia parental com o bem-estar das crianças. Também mostraram que a melhor qualidade das práticas parentais na pandemia é diretamente prevista por um maior senso de autoeficácia.

Em síntese, os resultados pré-pandémicos demonstram que são os pais com maior poder económico, casados, com maior número de filhos, com um nível escolar superior, com filhos mais novos e o facto de serem mães, que demonstram maiores níveis de autoeficácia parental. Contudo, com a chegada da pandemia, foi denotado, contrariamente aos estudos anteriores que, pais com filhos mais novos apresentam menor autoeficácia. No entanto, é afirmado que os pais mantiveram a sua autoeficácia de forma a diminuir os riscos para o bem-estar das suas crianças, bem como uma melhoria na qualidade das práticas parentais.

2. Conceptualização Teórica do Stress Parental

A vida familiar poderá sofrer transições no seu ciclo evolutivo, que demonstram ser um *stressor* expectável e normativo (crise). Assim, segundo a visão de Carver (2010), este *stress* resulta da concretização de esforços com o intuito de solucionar ou precaver obstáculos que põem em causa a capacidade para os gerir. O nascimento de um filho, que constitui um dos acontecimentos mais marcantes na vida de um sujeito, representa, assim, um destes fatores transitórios chave para o seu desenvolvimento (Relvas & Lourenço, 2001). Deste modo, a parentalidade marca uma transição para uma nova etapa do ciclo de vida familiar envolvendo a complexidade do sistema familiar, redefinindo papéis, tarefas e projetos de vida. Embora seja um evento normativo, comum e geralmente desejado, constitui uma das mudanças mais dramáticas e intensas que o sistema familiar poderá enfrentar (Ngai & Ngu, 2013). Esta grande mudança poderá ser caracterizada por algumas descompensações e aparecimento de vulnerabilidades e, com consequências parentais por estes poderem não conseguir responder de forma adaptativa e congruente às modificações requeridas, pela gestão ineficaz das suas necessidades e pela falta de capacidade de autodeterminação (Ngai & Chan, 2011).

O *stress* parental apresenta variados determinantes tais como, os fatores da criança (idade, competências sociais e problemas comportamentais), os fatores parentais (sexo, estado de saúde e raça/etnia), os fatores contextuais (estrutura, conflito e coesão familiar,

suporte social, nível sociocultural e socioeconómico dos pais) (Abidin, 1992, 1995) e os episódios *stressores* (acontecimentos traumáticos e relevantes no decorrer da vida do sujeito, circunstâncias crónicas) (Pinto & Silva et al., 2005 citado por Costa, 2011).

Porém, este não representa apenas uma variável emocional negativa, segundo Cronin e colaboradores (2015), o *stress* caracteriza-se por uma experiência comum e fundamental em situações nas quais o indivíduo sente insegurança quanto à possibilidade de alcançar, ou não, as expectativas ou necessidades. Aliás, em quantidades reduzidas e dependendo do contexto, o *stress* associa-se a uma maior longevidade e a práticas parentais favoráveis. Por outro lado, em consequência dos elevados níveis de stress, a transição para a parentalidade pode ser mais difícil podendo estar associadas a problemas psicológicos em diferentes níveis: a nível individual, conjugal e ao nível do relacionamento com o filho (Berry & Jones, 1995). Com isto, de acordo com Berry e Jones (1995), a Escala de Stress Parental relaciona uma variedade de variáveis emocionais (e.g. culpa e ansiedade) e a satisfação com o papel (e.g. satisfação conjugal, profissional e apoio social). Por conseguinte, é indiscutível o efeito destes sinais de *stress* nos filhos. Por um lado, estes podem tornar-se potenciadores de um adequado desenvolvimento e adaptação e por outro lado, poderão indiciar um possível aparecimento de perturbações (Bornstein & Bornstein, 2007).

Desta forma, tal como afirma Abidin (1992) e Cronin e colaboradores (2015) o *stress* parental não depende somente da realidade de cuidar de um filho, mas também de outros elementos como o meio social e/ou as características dos pais e das crianças. Mais ainda, para além dos atributos pessoais como a idade, género e saúde física, Cronin e colaboradores (2015) mencionam que existem aspetos contextuais e ecológicos que abrangem: a localização geográfica, o *status* socioeconómico, raça e etnicidade, constituindo dessa forma, implicações no nível do *stress*, da saúde mental e física.

Atualmente, em tempos de pandemia a parentalidade pode ser especialmente desgastante, dado que os pais se encontram numa situação desafiante com filhos jovens, enérgicos, e ativos, mas confinados em casa. Por consequência, o encerramento das escolas, o teletrabalho e o distanciamento físico podem ser excessivos para qualquer um, e mais ainda para os pais, que lidam com as incertezas sobre o futuro e tentam equilibrar o trabalho com a parentalidade. Além disto e de todo o *stress* sentido, que torna algumas situações e emoções mais difíceis de lidar, também se constitui como uma necessidade, garantir que os recursos alimentares, financeiros e de saúde estão presentes no seio familiar (Brooks et al., 2020).

Consequentemente, estas condições exigentes em contexto familiar podem esgotar os recursos pessoais e a capacidade de gerir o *stress* de forma eficaz, aumentando assim o risco de exaustão dos progenitores. A exposição prolongada a altos níveis de *stress* nos pais e a incapacidade de controlar essas emoções debilitantes podem ser prejudiciais para as crianças, levando a um aumento dramático na negligência e no abuso infantil por haver uma maior prevalência de maus-tratos, como a violência física (bofetadas) e verbal (insultos e gritos) e, um maior receio por parte dos progenitores quando se encontram sozinhos com as crianças (Mikolajczack et al., 2018).

No ambiente doméstico, o papel educacional dos pais tornou-se ainda mais crucial do que antes devido ao aparecimento da pandemia. Isto porque, os pais tornaram-se o centro de apoio às responsabilidades escolares das crianças, assim como pela responsabilidade de dinamizar novas experiências de aprendizagem, neste caso, para os pais de crianças mais novas. Deste modo, os pais têm que, autonomamente, não só cuidar e educar os seus filhos em casa, mas também gerir o ambiente doméstico (Wang et al., 2020). Por isto, muitos pais nesta situação problemática, necessitam de pensar de forma perspicaz para conseguir lidar com as adversidades causadas pelo tempo e pela divisão dos espaços de modo a trabalhar enquanto estão com os filhos. Embora a quarentena signifique que o tempo que pode ser partilhado, esta também representa um grande peso para os pais, uma vez que estes tornam-se responsáveis por assumir um papel educacional ao nível de um acompanhamento mais direto e constante das tarefas escolares dos filhos, enquanto tentam viver as suas próprias vidas e continuar com o compromisso de um trabalho diário (Wang et al., 2020).

De facto, descobriu-se que interações positivas entre membros da família, com relacionamentos caracterizados por apoio e coesão, conduzem a menos *stress* parental e melhor qualidade de vida familiar em contexto pandémico (Günther-Bel et al., 2020). Contudo, este contexto pode tornar-se num fator de risco potenciador de consequências negativas quanto à saúde mental nos pais e nos filhos (Bøe et al., 2018). De forma prolongada, o *stress* na parentalidade e a falta de resiliência da parte dos progenitores pode causar uma exaustão sendo um aspeto do esgotamento parental, que resulta da exposição prolongada ao *stress* (Mikolajczak, et al., 2018).

2.1 Estudos sobre o Stress Parental e as Variáveis Sociodemográficas e Pandemia

Face às características atuais da família, alguns estudos têm-se debruçado sobre a correlação existente entre várias variáveis e o *stress* parental.

No que concerne ao nível socioeconómico, é demonstrado que apresenta influência no *stress* parental, ou seja, quanto maior for o poder económico, menor será o *stress* sentido pelos pais, pois as condições oferecidas por estes aos filhos serão melhores.

No que diz respeito ao sexo do progenitor, os estudos têm evidenciado que esta variável apresenta influência, mas não de forma significativa no *stress* parental (Ponet et al., 2013; Rocha, 2012; Santos, 2008).

Assim, pesquisas de Martins (2008), Santos (2008) e Silva (2012), indicam que não existe relação entre estado civil dos progenitores e o *stress* parental. No entanto, analisando as dimensões do instrumento “Escala de *Stress* Parental” verificou-se que eram os pais solteiros que demonstravam maiores níveis de preocupações parentais, os divorciados/separados maiores níveis de satisfação e por sua vez, os progenitores viúvos representavam maiores níveis de falta de controlo (Silva, 2012). Da mesma forma, os resultados encontrados por outros investigadores (Szelbracikowski & Dessen, 2007) revelam que quando o filho vive com apenas um dos progenitores, os níveis de *stress* são mais elevados do que quando este coabita com ambos os pais. Também é referido por Putnick e colaboradores (2008) o apoio no seio do casal associa-se a níveis de *stress* mais baixos a um melhor desenvolvimento a nível físico, social e psicológico para o filho, ou seja, a monoparentalidade é tida como uma desvantagem para o papel parental (Martins, 2008).

Por sua vez, a existência de irmãos não tem mostrado, de uma forma geral, uma relação com o nível de *stress* parental, contudo foi concluído que existe uma relação negativa e estatisticamente significativa na dimensão falta de controlo, indicativa de que a inexistência de irmãos leva a maior falta de controlo por parte dos progenitores (Silva, 2012). Neste seguimento, um outro estudo averiguou que, mais uma vez, quanto maior for o *stress* parental sentido, menor é o número de filhos, o que indica que existe mais cooperação nas famílias mais numerosas e que estas conseguem lidar melhor com situações mais *stress*antes (Andrada et al., 2009).

No que toca à idade dos progenitores é visto que são os pais mais velhos que apresentam menor *stress* parental, dado que se envolvem mais na prestação de cuidados, experienciando assim mais afetos positivos ligados à parentalidade (Berry & Jones, 1995).

Quanto à escolaridade dos progenitores, esta também apresenta influência nesta variável e, que particularmente, um elevado nível escolar do pai se associa a um menor *stress* parental (Silva & Aiello, 2009).

Por outro lado, com a chegada da pandemia, estes resultados sofreram algumas alterações.

Um estudo levado a cabo na Índia por Sahithya e colaboradores (2020) com uma amostra de 196 pais (135 mães e 61 pais), cujo objetivo se prendeu em fazer um estudo preliminar acerca do *stress* percebido, do *stress* parental e dos *stressores* durante a quarentena, o estudo mostrou que os participantes que relataram uma melhoria no relacionamento tiveram *stress* parental significativamente menor quando comparados ao grupo de pais que relataram dificuldades interpessoais. Foi dito também que, os pais que sentiram mais dificuldades no relacionamento com os filhos apresentaram um *stress* parental significativamente maior, quando comparados a outros pais. Relativamente há possibilidade de existência de problemas financeiros, o *stress* parental médio não diferiu significativamente entre os indivíduos com e sem *stressor* financeiro. Além disto, o *stress* parental pareceu estar mais associado às mães do que aos pais. Este, também foi associado a uma maior inquietação acerca das preocupações e da incapacidade de se concentrar na paternidade, bem como a uma maior dificuldade em disciplinar os filhos. Assim, uma grande parte dos pais relatou que a pandemia e o confinamento foram *stressantes* para eles e que outra parte dos pais relatou que se sentem mais *stressados*, como pais após a quarentena.

Numa investigação italiana (Spinelli et al., 2020) com uma amostra de 854 pais (797 mães e 57 pais) com filhos com idades entre os 2 e 14 anos, cujo objetivo foi perceber o bem-estar das famílias durante o surto de *Covid-19*, explorando o ajuste individual e diádico de pais e filhos após um mês de quarentena. Neste, os autores encontraram resultados que apontam que a perceção individual dos pais sobre a situação está significativamente associada ao *stress* destes relativamente aos problemas psicológicos dos filhos, e que o *stress* indiretamente afeta o comportamento e os problemas emocionais. Os pais que relataram achar mais difícil cuidar da aprendizagem dos filhos, encontrar espaço e tempo para si, para o parceiro e para as atividades que faziam antes da pandemia, apresentam maior *stress*. Acham igualmente mais difícil entender as necessidades dos filhos e responder de forma sensível.

Novamente num estudo composto por 100 pais, objetivando se o *stress* parental é diferenciado pelo género dos pais durante a pandemia, conclui que não há diferença significativa no nível de *stress* parental entre os pais durante a pandemia, mas mesmo assim os pais apresentam alto nível de *stress* parental quando comparados às mães (Sreelakshmi et al., 2021).

Um outro estudo (Moscardino et al., 2021), realizado em Itália com uma amostra composta por 89 pais (79 mães e 10 pais) com pelo menos um filho no 1.º ano do ensino básico, explorou o papel da autoeficácia dos pais e do funcionamento familiar saudável nos níveis de *stress* percebido. Deste modo, foram encontrados resultados que apontavam que o controlo das situações mais *stressantes* foi um preditor significativo do *stress* parental. Destacaram também que, o facto de os pais terem assumido o papel de professores durante o encerramento das escolas poderá ter efeitos potencialmente adversos no bem-estar familiar (Schmidt et al., 2020; Thorell et al., 2021).

De acordo com o estudo de Marchetti e colaboradores (2020) com uma amostra de 1226 pais, com filhos até aos 18 anos, que previa examinar a prevalência de exaustão parental e identificar os seus fatores de risco e proteção, durante o confinamento, revelou que existem diferenças de género na vulnerabilidade ao *stress*, ou seja, são as mães que mostraram significativamente mais sofrimento psicológico e, que o *distress* demonstrado por estas também pode indicar que as mulheres passaram por uma fonte adicional de *stress* ao tentarem equilibrar as suas responsabilidades familiares e profissionais. Também revelaram que algumas das características sociodemográficas (e.g. ser solteiro, ter filhos menores, o número destes e maternidade) mostram-se como fatores de risco para o aumento desta variável durante a pandemia.

Em suma, os resultados mais antigos apontam que são os pais com menor nível socioeconómico e escolar, divorciados, com apenas um filho e com mais idade que demonstram um maior *stress* parental. No entanto, é percecionado que a variável género não interfere nos níveis desta variável. Na mesma linha de investigação, mas desta vez em momentos de pandemia, alguns dos resultados evidenciam que ao contrário do que é sustentado em estudos pré-pandemia, são as mães quem apresentam mais *stress*, que o *stressor* financeiro não diferiu significativamente entre os indivíduos com e sem este tipo de *stressor*, bem como características sociodemográficas como o estado civil, idade e número de filhos, denotam-se como sendo possíveis fatores de risco. Por outro lado, o facto dos pais terem assumido o papel de professores, de terem sentido mais dificuldades no relacionamento com os filhos, bem como em discipliná-los e em encontrarem um espaço e tempo para si, demonstraram elevados níveis de *stress* parental.

3. Conceptualização Teórica Sobre o Conflito Trabalho-Família

O conceito de conflito trabalho-família é reconhecido como um complexo multidimensional por vários investigadores. Greenhaus e Beutell (1985) definiram-no

como “uma forma de conflito interpapel na qual as pressões exercidas pelos papéis do domínio do trabalho e da família são mutuamente incompatíveis, de modo que a participação num papel (familiar) torna mais difícil a participação no outro (profissional)” (p.77). Deste modo, a definição clássica dada por estes autores originou o desenvolvimento da escala conflito-trabalho família por Carlson e colaboradores (2000).

De acordo com Kossek e Lee (2017 citado por Schieman et al., 2021), pessoas que experienciam altos níveis de conflito entre a vida profissional e a pessoal relatam que o seu papel no trabalho as impede de se concentrarem em coisas importantes na sua família ou vida pessoal, dado que não apresentam tempo ou energia suficiente, consequentemente, sentem que as suas funções de trabalho prejudicam as suas capacidades de desempenhar funções relacionadas com o lar.

A causa do conflito familiar no trabalho é explicada principalmente por duas teorias: a teoria da escassez e a teoria do conflito. A teoria da escassez afirma que a dedicação de maiores recursos para um certo papel resulta na dedicação de menos recursos para os outros papéis, dado que os recursos pessoais (tempo, energia e atenção) são finitos. A teoria do conflito propôs que, como o trabalho e a família têm normas e responsabilidades diferentes, dá-se uma incompatibilidade entre os dois domínios (Baltes et al., 2010).

Seguindo as definições existentes para o conflito entre trabalho e família conclui-se que este é bidirecional: diferenciam entre conflito família-trabalho e conflito trabalho-família (Boyar et al., 2007). O primeiro conflito decorre em situações como falta de cooperação ou divergência interpessoal familiar, presença de filhos pequenos, ou seja, impedimentos na vida profissional causados por experiências da vida familiar. Já o segundo conflito sucede inversamente, isto é, quando impedimentos na vida familiar são causados por experiências da vida profissional: como por exemplo, horários sobrecarregados ou irregulares, excesso de trabalho, conflito interpessoal, mudanças de carreira ou supervisor, viagens longas, organização inapta ou outras formas de *stress* no trabalho (Valk & Srinivasan, 2011).

A união entre inúmeros papéis resulta da experiência de conflito e/ou enriquecimento, conectada com a vivência da parentalidade e com as oscilações de *stress* e contentamento. Deste modo, existem evidências de carácter pejorativo acerca da dualidade conflito trabalho-família associadas à autoeficácia parental (Cinamon et al., 2007), ao *stress* parental (Vieira et al., 2012) e ao descontentamento familiar e laboral (Frone et al., 1992).

No que concerne o estudo da conexão família-trabalho e parentalidade, surge a hipótese de que a coadunação trabalho-família pode variar consoante o género. Enquanto homens gastam mais tempo a trabalhar, as mulheres despendem mais tempo a cuidar das crianças, causando menor conflito, tal como averigua Hill (2005). Por outro lado, pensa-se que isto acontece devido a uma dependência masculina no trabalho e uma dependência feminina na família (Miranda, 2011). De facto, as mulheres representam ainda a principal fonte de cuidado para as crianças e, conseqüentemente, carregam uma maior responsabilidade do que os pais, que mesmo tendo o seu papel sofrido alterações e se tenha envolvido mais no seio familiar, este continua a ser secundário e de teor principalmente de entretenimento (Calvo-Salguero et al., 2012). Deste modo, continua a ocorrer uma distribuição desigual das tarefas e responsabilidades domésticas e dos cuidados parentais entre os diferentes géneros, ainda que uma ideologia de igualdade de género e dos seus papéis tenha evoluído ao longo do tempo e tenha alterado algumas atitudes no ambiente familiar, realçando que este aspeto não indica que uma menor participação paterna nos cuidados equivalha a uma menor ligação emocional (Pimenta et al., 2010).

Efetivamente, de acordo com Fried e colaboradores (2002), pais cujo trabalho apresenta um menor nível de complexidade, parecem possuir menos capacidades de motivação, planeamento, organização ou qualquer habilidade que seria útil e recorrente num ambiente de trabalho desafiante, resultando num menor grau de satisfação com a conciliação da vida pessoal e profissional. Assim, conclui-se que os obstáculos associados às funções profissionais e familiares possuem uma relação inversa com o contentamento relacionado com o equilíbrio trabalho-vida pessoal, dado que, os funcionários em ambientes familiares e com cargos menos desafiadores e complexos tendem a possuir menos habilidades (por exemplo, organização) e recursos psicológicos (por exemplo, autoestima e autoeficácia) para dar resposta às exigências profissionais e familiares. A partir destes obstáculos familiares e laborais, seria esperado que a visão das esferas restritas da vida se manifestasse de forma diferente entre os trabalhadores com filhos em casa em comparação com os sem filhos. Assim, com o encerramento ou o acesso limitado a todos contextos sociais, os parâmetros de "vida pessoal" diminuíram abruptamente, e, desta forma, muitas mais interações sociais passaram a ser vividas por via *online* ou por telemóvel. Nenhum outro choque social, pelo menos recentemente, resultou em restrições tão radicais sobre a vida pessoal e social dos indivíduos (Stainback et al., 2020).

A competição entre o trabalho e as responsabilidades familiares, cria as condições que geram mais conflito entre os papéis das mulheres. No contexto de restrições às escolas e creches durante a pandemia, as necessidades de cuidado das crianças aumentaram (Qian & Fuller, 2020), ampliando a relevância do esquema de dedicação familiar. Mudanças sociais durante a pandemia *Covid-19* reconfiguraram as fronteiras entre trabalho e não trabalho para muitos trabalhadores (Rudolph et al., 2020).

A escolha individual sobre a extensão e o momento da integração de papéis em casa pode se ter tornado estruturalmente restrita durante os primeiros meses da pandemia (Gallacher & Hossain, 2020; Schieman & Badawy, 2020). Entre os trabalhadores que necessitam, obrigatoriamente, de conciliar trabalho com a família, as necessidades de trabalho e filhos sobrepõem-se completamente no tempo e no espaço. Deste modo, a conciliação trabalho-família pode ter intensificado a experiência de trabalhadores com filhos em casa, especialmente crianças mais novas, que são mais dependentes e requerem maior supervisão do que adolescentes mais autónomos (Qian & Fuller, 2020). Por conseguinte, muitos pais apresentam dificuldade em gerir o trabalho, cuidar dos filhos e manter a casa, especialmente quando separados da sua rede de apoio habitual. Allen e colaboradores (2020) sugeriram que o conflito trabalho-família varia significativamente em função do contexto cultural e das ligações afetivas familiares.

Por fim, as respostas sociais e económicas à pandemia *Covid-19* intensificaram a integração de papéis laborais em casa e a permeabilidade que a acompanha, aumentando assim as tarefas e a indefinição de papéis associadas, tendo necessariamente que transpor todo o trabalho realizado outrora presencialmente para contexto remoto (Schieman & Badawy, 2020). Consequentemente, com as diretrizes para ficar e trabalhar em casa tornaram-se o "novo normal" e transformaram a conciliação do trabalho-casa e os limites que os definem (Rudolph et al., 2020).

3.1 Estudos sobre Conflito Trabalho-Família, Variáveis Sociodemográficas e Pandemia

Um estudo canadiano com pais, descobriram que as mães eram mais propensas a ficarem desempregadas, em comparação com os pais, especialmente para aquelas cujos filhos mais novos tinham idades entre 6 e 12 anos. Podendo supor-se que a partir destes resultados, que deverá haver um aumento no conflito entre a vida profissional e a vida entre mulheres que trabalham com filhos pequenos (Landivar et al., 2020).

Num outro estudo canadiano (Schieman et al., 2021) com dois momentos de recolha de dados, sendo estes entre setembro e a abril e de abril a junho tinha como objetivo avaliar o conflito trabalho-família durante a pandemia. Neste seguimento, foram encontrados resultados que provam que os níveis médios deste conflito diminuíram entre os trabalhadores sem filhos a morar em casa durante os primeiros meses da pandemia *Covid-19*, sendo este padrão semelhante ao longo das duas recolhas. No entanto, uma conclusão importante no estudo é que, os indivíduos com filhos pequenos em casa (<13 anos) não experienciam a mesma diminuição no conflito trabalho-família que observamos nos pais sem filhos em casa. Os pais com adolescentes experimentaram uma redução média neste tipo de conflito, semelhante à de quem estava sem filhos. Curiosamente, neste estudo, não existem diferenças de género, ou seja, mulheres e homens não diferiram na relação entre os filhos em casa e o conflito entre a vida profissional e familiar e a maneira como essa relação mudou durante a pandemia. Outros resultados sugerem que ter um adolescente em casa levou a uma redução geral nas horas de trabalho durante a pandemia, principalmente nas mães. Para além disto, o estudo indica que existe pouca mudança no conflito entre trabalho e família entre aqueles com filhos em qualquer um dos três grupos de idade durante o período de estudo.

No estudo realizado em Portugal com o objetivo de compreender as associações entre conciliação trabalho-família e a vivência satisfatória e/ou *stressante* da parentalidade, demonstrou resultados que indicam que são as mulheres despendem mais horas no cuidado com as crianças, durante toda a semana, do que os homens. Por sua vez, verifica-se que os homens trabalham significativamente mais horas do que as mulheres, mas não se verificaram diferenças significativas no número de horas despendidas, à semana e ao fim-de-semana, em atividades lúdicas com a criança (Pereira et al., 2017). Neste seguimento desta dualidade de conflito, é concluído por Eby e colaboradores (2005) que são os progenitores com filhos mais novos quem experienciam níveis mais elevados de conflito trabalho-família e família-trabalho.

Num estudo de Qian e Fuller (2020) a amostra final da investigação inclui 60.364 pais canadianos com um filho com menos de 6 anos e 51.600 pais com um filho com idades entre 6-12 anos, sendo que a idades dos pais varia entre 25 e 54 anos. Esta investigação teve como finalidade analisar as diferenças de género nos empregos influenciados pelas ocupações familiares durante a pandemia e concluiu que o emprego das mães cujos filhos eram mais novos e com necessidades de supervisão foi mais afetado

pela pandemia *Covid-19*, aumentando assim a lacuna de género no emprego entre pais e mães.

Em conclusão, são os progenitores com filhos mais novos e o facto de serem as mães mais propensas a ficar desempregadas, que contribui para um maior conflito trabalho-família. Por outro lado, em tempos de pandemia, os resultados mostram que, os níveis de conflito diminuíram nos pais que não vivem com os filhos e nos pais que vivem com filhos adolescentes, contrariamente aos progenitores com filhos pequenos, o que vai de encontro aos estudos realizados antes da pandemia. Neste seguimento, também foi corroborado pelos investigadores, nestes últimos dois anos que as mães trabalhadoras cujos filhos eram mais novos, foram as mais afetadas.

4. Estudos Sobre a Relação entre Autoeficácia Parental, Stress Parental e Conflito Trabalho-família

Anderson (2006) investigou as relações entre o *stress* no trabalho (conflito trabalho-família das mães e insatisfação com o trabalho dos pais), autoeficácia dos pais, comportamento parental ineficaz e comportamentos problemáticos dos jovens. O *stress* no trabalho está relacionado com a diminuição da autoeficácia dos pais e ao aumento de comportamentos parentais ineficazes. Erdwins e colaboradores (2001) descobriram que a autoeficácia no trabalho e na família é um indicador significativo do conflito familiar-trabalho nas mulheres. Foi encontrada uma relação negativa entre o conflito trabalho-família e autoeficácia parental, sugerindo que o nível deste conflito nas mulheres diminui à medida que aumenta a autoeficácia nos seus papéis profissionais e familiares.

Também um estudo israelita (Cinamon et al., 2007) com 120 participantes israelitas, com idades compreendidas entre os 26 e os 43 anos e com filhos entre os 2 e 4 anos de idade, teve como objetivo perceber a relação entre trabalho- família com os domínios familiares, sendo estes a qualidade da interação com os filhos, autoeficácia parental e a atribuição de papeis de vida. Assim, os resultados encontrados evidenciam que, mais uma vez estes conflitos se encontram relacionados com a perceção da eficácia parental, ou seja, quanto maior for o conflito, menor é a perceção de autoeficácia parental. Ao contrário dos pais que apenas apresentam influência no conflito trabalho-família, as mães revelam que a sua autoeficácia é negativamente influenciada por ambos os tipos de conflito (trabalho-família e família-trabalho). Assim, quando um dos elementos do casal apresenta níveis mais alto de conflito trabalho-família, devido ao maior investimento laboral, o outro elemento por consequência pode apresentar níveis mais altos de conflito

família-trabalho e sentindo-se menos eficientes como pais. Concluíram também que quanto maior o conflito família-trabalho nos homens, maior é o *stress* parental experienciado e, que quanto menor é o número de horas de trabalho semanais, maior é o conflito em ambas as direções (trabalho-família e família-trabalho) (Pereira et al., 2017).

Relativamente aos estudos realizados em contexto pandémico, um estudo de Moscardino e colaboradores (2021), demonstra que a autoeficácia e funcionamento familiar saudável contribuíram significativamente para níveis mais baixos de *stress* parental. Neste âmbito também é defendido que, a autoeficácia parental é influenciada negativamente pelo *stress* parental sentido durante esta fase e que para além disto, ambas as variáveis podem afetar negativamente a parentalidade (Xue et al., 2021).

Num estudo indiano de Raj e Appu (2021) na Índia, constituído por 52 pessoas, com idades compreendidas entre os 25-65 anos, cujo objetivo se remetia para descobrir a relação entre autoeficácia parental e o conflito trabalho-família durante a *Covid-19*, encontraram resultados que mostram que quanto maior o conflito existente, menor será a autoeficácia parental, ou seja, pais trabalhadores que apresentem menos conflitos tendem a ter uma melhor autoeficácia parental associada. O mesmo estudo revela também que o conflito trabalho-família desempenha um papel vital em trazer uma mudança na autoeficácia parental de pais trabalhadores durante a pandemia. O conflito pode ocorrer devido à existência de tarefas relacionadas com o trabalho, dificultando o desempenho de tarefas familiares.

Num estudo em Singapura (Chung et al., 2020b) com 258 pais, que pretendeu identificar perfis de equilíbrio trabalho-família dos pais e apoio social e examinar as suas ligações com o *stress* parental e conflito conjugal, encontrou resultados que predizem que especificamente que o *stress* parental foi maior durante o período de confinamento, quando os níveis de equilíbrio entre trabalho-família eram menores, ou seja, os níveis de conflito entre estas duas variáveis aumentaram.

Em finalidade, os estudos que antecederam a crise pandémica que atualmente atravessamos concluíram que, o *stress* laboral está associado a uma menor autoeficácia parental, sendo as mulheres as mais afetadas. Também evidenciaram que um maior conflito família-trabalho nos homens e horas de trabalho se associa a um maior *stress* parental. Nesta continuidade e desta vez em contexto pandémico, investigadores comprovaram que, uma melhor autoeficácia está relacionada com um menor *stress* parental, que um menor conflito trabalho-família se associa a uma maior autoeficácia

parental devido à melhor conciliação dos papéis profissionais e familiares e que o *stress* parental foi maior quando os níveis de equilíbrio trabalho-família eram também menores.

Assim, é possível esclarecer que mesmo com o passar dos anos e em situações excepcionais, como a pandemia *Covid-19*, estas variáveis em estudo se encontram relacionadas e que estudos recentes corroboram as investigações anteriores. Por isso, e pela influência existente entre as temáticas abordadas neste estudo, denota-se importante a continuação deste estudo, passando assim, para a parte metodológica de modo a aferir a relação destas variáveis na amostra selecionada.

Estudo Empírico

De seguida, serão abordados os tópicos referentes à metodologia do presente estudo. Será apresentada nesta parte do projeto, o desenho do estudo, o objetivo geral e os objetivos específicos, as hipóteses e a questão de investigação. Conjuntamente será apresentada a caracterização da amostra, os instrumentos utilizados, assim como os procedimentos de recolha de dados.

1. Método

Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo quantitativo e transversal com aplicação de técnicas que requerem o uso de medidas e de métodos padronizados convertíveis em número, de modo que permitam a expressão da variedade de perspetivas e experiências das pessoas. E também se caracteriza por ser um estudo com um desenho explicativo, mais precisamente descritivo-correlacional. Apresenta como objetivos, descrever as variáveis e analisar as relações entre as mesmas (Fortin et al., 2009).

2. Objetivos do Estudo

Para o desenvolvimento do estudo foram delineados vários objetivos. Quanto ao objetivo geral, pretende-se estudar a relação entre autoeficácia parental, *stress* parental e conflito trabalho-família durante a pandemia *Covid-19*. Quanto à caracterização das variáveis. As variáveis dependentes principais são a autoeficácia parental, *stress* parental e o conflito trabalho-família e a variável independente é a *Covid-19*. As variáveis sociodemográficas são, a idade dos pais e dos filhos, o género dos pais, o estado civil, o número de filhos, a escolaridade dos pais e a forma de trabalho (presencial, misto ou teletrabalho) dos pais.

Relativamente aos objetivos específicos consideraram-se os seguintes: perceber de que maneira o *stress* parental, a autoeficácia e o conflito-trabalho família varia em função do género; analisar como o número de filhos pode interferir no *stress* parental, autoeficácia e conflito-trabalho família; analisar como a escolaridade e o estado civil podem interferir no *stress* e autoeficácia parental; perceber de que forma a idade dos filhos pode influenciar a autoeficácia parental e o conflito-trabalho família e, analisar de que maneira a idade dos pais pode ter influencia no *stress* parental.

3. Hipóteses do Estudo e Questão de Investigação

Para o desenvolvimento do estudo e de acordo com a revisão bibliográfica, foram delimitadas as seguintes hipóteses, em consonância com as variáveis em análise:

H1: Existe uma relação entre *Stress* Parental e Autoeficácia Parental durante a pandemia (Moscardino et al., 2021; Xue et al., 2021).

H2: Existe uma relação entre Autoeficácia Parental e Conflito Trabalho-Família durante a pandemia (Anderson, 2006; Cinamon et al., 2007; Erdwins et al., 2001; Figueroa et al., 2012; Raj & Appu, 2021).

H3: Existe uma relação entre *Stress* Parental e Conflito Trabalho-Família durante a pandemia (Chung et al., 2020b; Pereira et al., 2017).

H4: A Autoeficácia Parental varia em função do género das figuras parentais (Costa & Faria, 2015; Ferreira et al., 2014; Meunier & Roskam, 2009; Sahithya et al., 2020; Sreelakshmi et al., 2021).

H5: O *Stress* Parental varia em função do género das figuras parentais (Ponet et al., 2013; Rocha, 2012; Santos, 2008).

H6: O Conflito Trabalho-Família varia em função do género das figuras parentais (Pereira et al., 2017; Schieman et al., 2021).

H7: A Autoeficácia Parental varia em função do número de filhos (Coleman & Karraker, 2000; Ferreira et al., 2014; Figueroa et al., 2012; Ulfsdotter et al., 2014).

H8: O *Stress* Parental varia em função do número de filhos (Andrada et al., 2009; Silva, 2012).

H9: O Conflito Trabalho-família varia em função do número de filhos (Schieman et al., 2021).

H10: O *Stress* Parental varia em função do estado civil (Martins, 2008; Putnick et al., 2008; Santos, 2008; Silva, 2012; Szelbracikowski & Dessen, 2007).

H11: A Autoeficácia Parental varia em função da escolaridade dos pais (Coleman & Karraker, 2000; Ferreira et al., 2014; Seabra-Santos et al., 2015; Ulfsdotter et al., 2014).

H12: O *Stress* Parental varia em função da escolaridade dos pais (Silva & Aiello, 2009).

H13: A Autoeficácia Parental varia em função da idade dos filhos (Ballenski & Cook, 1982; Carless et al., 2015; Ferreira et al., 2014; Glatz & Buchanan, 2015; Seabra-Santos et al., 2015).

H14: O Conflito Trabalho-Família varia em função da idade dos filhos (Eby et al., 2005; Landivar et al., 2020; Pereira et al., 2017; Qian & Fuller, 2020; Schieman et al., 2021).

H15: O *Stress* Parental varia em função da idade dos pais (Berry & Jones, 1995).

Foi também delimitada a seguinte questão de investigação:

Q1: A forma de trabalho dos pais (presencial, misto ou teletrabalho) varia em função da Autoeficácia Parental, do *Stress* Parental, e do Conflito Trabalho-Família durante a pandemia?

4. Caracterização da Amostra

Este tipo de amostragem, não probabilístico por conveniência, não é representativo da população, pelo que não permite fazer generalizações, permitindo apenas fazer inferências e introduz um viés de comunidade. Deste modo, o processo de amostragem não garante representatividade, ou seja, os resultados desta só se aplicam a ela própria (Fortin, et al., 2009). A amostra é caracterizada por pais com idades compreendidas entre os 25 e os 50 anos e com filhos até aos 16 anos. O critério de exclusão corresponde aos sujeitos terem idades inferiores a 25 e superiores a 50 anos, bem como filhos com idades superiores a 16 anos.

5. Instrumentos de Avaliação

Em função das necessidades do estudo, foram aplicados alguns instrumentos, referidos anteriormente, com vista à recolha de dados e à obtenção de resultados, os quais se apresentam a seguir.

5.1 QSD- Questionário Sociodemográfico (Anexo 2)

O Questionário Sociodemográfico (QSD) foi construído com o objetivo de se reunir informações relevantes para o estudo e, que de certa forma, contribuíssem para a

caracterização da amostra. O QSD contém 7 questões que abordam o género, a idade dos pais e dos filhos, o estado civil, o número de filhos, a escolaridade dos pais e a forma de trabalho (presencial, teletrabalho ou outro).

Para complementar o questionário sociodemográfico principal, foi construído questionário para a investigação acerca da experiência dos pais sobre a pandemia pela qual passaram. Sendo assim, este questionário foi constituído por 15 questões, com respostas dicotómicas (Sim e Não) que abordaram tópicos, tais como, diferenças nos rendimentos económicos, sobrecarga de tarefas, relacionamento com os filhos, ansiedade e *stress*, etc. Além disto, foram analisadas as propriedades psicométricas do questionário, assim, foi realizada uma análise fatorial exploratória pelo método de componentes principais com Rotação *Varimax*. Foi possível encontrar uma solução com três fatores distintos com evidências interpretáveis, que permite explicar 50.385% da variância total. O primeiro fator, com um valor próprio de 4.730 explica 31.532% da variância. O segundo fator, com valor próprio de 1.520, que explica 10.132% da variância. E, por fim, com valor próprio de 1.308, que explica 8.721% da variância.

Os 15 itens foram submetidos ao teste de esfericidade de *Bartlett e Kaiser-Meyer-Olkin*, obtendo-se respetivamente os valores de 641.929 ($p \leq 0,001$) e 0.826, o que permitiu perceber a adequabilidade da base de dados para a análise fatorial. No que diz respeito à consistência interna, o alfa de *Cronbach* total encontrado foi de 0.784, valor que significa uma boa fidelidade do questionário sociodemográfico construído para complementar a caracterização da amostra.

As restantes 15 questões foram direcionadas para a experiência que os sujeitos tiveram durante a pandemia *Covid-19* abordaram temáticas tais como: se existiu diferença nos rendimentos económicos; se a forma de trabalho foi alterada; se sentiram dificuldade em acompanhar os filhos nas tarefas escolares; se se sentiram sobrecarregados durante o confinamento; se as horas e a carga de trabalho aumentaram ou diminuíram; se tiveram dificuldades de relacionamento com os filhos; se tiveram tempo para fazer as suas tarefas pessoais; se tiveram ajuda exterior para as tarefas domésticas; se tiveram dificuldade de articulação entre as tarefas laborais e domésticas; se as tarefas domésticas interferiam nas laborais e as laborais nas domésticas; se sentiram que os filhos precisaram de mais atenção e apoio por parte deles durante o confinamento; se sentiram que o confinamento alterou a sua dinâmica familiar; se sentiram mais sobrecarregados por falta de apoios; se se sentiram mais ansiosos durante a esta fase; e, se percecionaram o confinamento como uma situação que lhes gerasse mais *stress* e preocupações.

5.2 EAEP- Escala de Autoeficácia Parental (Brites, 2010) (Anexo 3)

A escala de Autoeficácia Parental de Brites (2010) permite uma avaliação no domínio do desempenho da função parental e tem por objetivo avaliar as percepções parentais acerca das suas competências para o desenvolvimento das atividades como pais.

Esta escala é constituída por 44 itens, dos quais 22 pertencem à dimensão de Autoeficácia Positiva e os restantes 22 itens à dimensão de Autoeficácia Negativa, ambas com duas subescalas. Quanto à primeira dimensão “Autoeficácia Positiva”, esta conjuga a primeira subescala designada de “Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento” (ACPPD), sendo composta por 15 itens e incluindo aqueles que sustentam o respeito à responsabilidade parental em ser um modelo para criança, à transmissão de afetos e valores e à manutenção do cuidado. Já, a segunda dimensão denominada “Equilíbrio Independência-Segurança” (EIS), é constituída por 7 itens e atenta na consistência parental da importância da promoção da independência e da responsabilidade na criança. Por outro lado, a dimensão Autoeficácia Negativa agrega uma subescala nomeada “Permissividade, Negligência e Desinteresse” (PND) e composta por 17 itens, estes dizem respeito a comportamentos e atitudes que demonstram um relativo desinvestimento face à criança, tal como na sua saúde, nas regras familiares e no seu desenvolvimento afetivo. A segunda subescala denominada de “Controlo Negativo” (CN) reúne 5 itens que dizem respeito a atitudes de controlo parentais relativas ao desenvolvimento da criança. Deste modo, as respostas são dadas sob formato de uma escala tipo *Likert* que variam entre 1 e 5 (correspondente a Nunca e Sempre, respetivamente) (Brites et al., 2011).

No que diz respeito à consistência interna, os *alpha de Cronbach* são satisfatórios, tendo a EAEP total $\alpha=.93$, a Autoeficácia Positiva $\alpha=.91$, a Autoeficácia Negativa $\alpha=.97$, tendo as subescalas os seguintes valores: ACPPD $\alpha=.93$; EIS $\alpha=.77$; PND $\alpha=.97$; CN $\alpha=.74$ (Brites, 2010).

5.3 ESP- Escala do Stress Parental (Berry & Jones, 1995, versão adaptado por Mixão et al., 2007) (Anexo 4)

A Escala de *Stress Parental*, definida a partir da “*Parental Stress Scale*” (PSS) de Berry e Jones (1995), é um instrumento de autorrelato, que pretende medir níveis de *stress* experimentados pelos pais. As temáticas nele abordado, incluem a proximidade com a criança, satisfação no seu papel parental, emoções positivas e negativas relacionadas com a parentalidade, e, dificuldades associadas (Berry & Jones, 1995). A aplicação da escala

dirige-se a ambos os progenitores, e, a pais de crianças com ou sem problemas de saúde. Além disto, é composta por 18 itens, que incluem 8 itens de prazer/satisfação e 10 itens de *stress* da parentalidade, dando ênfase à percepção do *stress* parental vivenciado, em vez de situações ou comportamentos específicos desencadeadores de *stress* (Berry & Jones, 1995). São evidenciadas 4 dimensões sendo estas: as Preocupações Parentais (PP- itens 9, 10, 11, 12 e 13), os Medos e Angústias (MA- itens 3 e 4), Satisfação Parental (SP- itens 2, 5, 6, 7, 8 e 18) e Falta de Controlo (FC- itens 1, 14, 15, 16 e 17). As respostas são avaliadas numa escala *Likert* de cinco pontos que varia entre 1 e 5 (discordo fortemente a concordo fortemente, respetivamente).

Por fim, o somatório da escala está dividido em três níveis de *stress*, sendo que resultados entre 18-42 evidenciam baixos níveis de *stress*, entre 43-66 níveis intermédios e entre 67-90, elevados níveis de *stress* (Mixão, 2007; Mixão et al., 2007). No respeitante à consistência interna, esta escala apresenta um *alpha* de Cronbach aceitável $\alpha=.76$ (Mixão, 2007; Mixão et al., 2007).

5.4 ECTF-Escala Conflito Trabalho-Família (Carlson et al., 2000 validada por Vieira et al., 2014) (Anexo 5)

Para avaliar o conflito gerado pelas forças constantes e conflitantes do trabalho e da família, foi utilizada a Escala de Conflito Trabalho-família de Carlson e colaboradores (2000), na versão portuguesa adaptada por Vieira e colaboradores (2014). Este instrumento foi desenvolvido tendo como base a definição e as três fontes de conflito concebidas por Greenhaus e Beutell (1985), bem como a teoria de conflito de papéis (Carlson et al., 2000; Vieira et al., 2014).

A escala multidimensional de conflito trabalho-família é composta por 18 itens medindo seis dimensões de conflito, sendo que, cada uma das seis dimensões do conflito é avaliada com 3 itens. Deste modo, incluem a combinação de três formas de conflito trabalho- família e conflito família-trabalho: (a) conflito baseado no tempo (O meu trabalho faz com que não possa estar tanto com a minha família como gostaria.); "Tenho de faltar a atividades de trabalho devido ao tempo que tenho de dedicar a responsabilidades familiares"); (b) conflito baseado na tensão ("Muitas vezes quando chego a casa do trabalho estou tão esgotado emocionalmente que isso impede de me dedicar à minha família.; "Devido ao *stress* em casa, estou muitas vezes preocupado com assuntos familiares no trabalho"); (c) conflito baseado em comportamento ("O tipo de comportamentos que são eficazes e necessários para mim no trabalho não resultariam em

casa"; "O tipo de comportamentos que são eficazes e necessários para mim em casa não resultariam no trabalho") (Carlson et al., 2000). Além disto, inclui a escala de enriquecimento trabalho-família que não irá ser utilizada para o objetivo deste estudo. Todos os itens são avaliados em uma escala do tipo *Likert* de 5 pontos, variando de discordo totalmente (1) a concordo totalmente (5).

No que toca à consistência interna, os *alpha* de *Cronbach* são satisfatórios, tendo a escala conflito trabalho-família/família-trabalho um total $\alpha=.85$ para a direção trabalho-família e $\alpha=.84$ para direção família-trabalho (Vieira et al., 2014).

6. Procedimento

Para a elaboração do projeto foi realizada uma vasta pesquisa bibliográfica acerca da temática, que posteriormente foi escolhida. Neste seguimento e depois de selecionadas as variáveis principais do estudo, foram delimitadas também as variáveis sociodemográficas que em conjunto compõem a revisão das investigações realizadas neste âmbito. Os instrumentos escolhidos foram de acordo com as suas qualidades psicométricas e que melhor abordam as variáveis escolhidas. Posteriormente, foram demarcados os objetivos geral e específicos, as hipóteses constituintes do estudo empírico, como também a questão de investigação.

Foi idealizado inicialmente realizar a recolha de dados da presente investigação presencialmente e com recurso a instrumentos em formato papel, mas resultado da pandemia *Covid-19* e dos seus constrangimentos, a realização do nosso estudo, principalmente da recolha de dados apenas foi exequível através dos mesmos questionários, mas em formato *online*. Assim, foi necessária a mudança de um processo não probabilístico por conveniência, para um processo não probabilístico por Bola de Neve com carácter exponencial. Mesmo tendo havido esta mudança foi necessário a recolher autorização do diretor do estabelecimento de ensino (Anexo 6), onde a aluna realizou o estágio curricular, para divulgar o *link* do questionário de investigação, assim como o mesmo foi divulgado nas redes sociais e por contactos pessoais. Na primeira parte do questionário constava o consentimento informado acerca do objetivo do estudo, bem como o esclarecimento do seu carácter voluntário e anónimo da participação dos encarregados de educação. Na segunda parte, constava o questionário sociodemográfico e os três instrumentos (EAEF, ESP, ECTF).

Neste seguimento, após o preenchimento do questionário sociodemográfico e dos instrumentos, as respostas foram introduzidas e codificadas no programa *IBM SPSS Statistics* versão 28, para uma posterior análise estatística dos resultados obtidos.

7. Amostra

Nas tabelas seguintes (tabela 1 e 2) será descrita a amostra representativa deste estudo, assim como a experiência dos participantes durante o confinamento.

Tabela 1

Estatísticas Descritivas da Amostra

Variável	Grupos	Frequência/ M (DP)/ M_{dn}	Percentagem
Género	Feminino	117	80.1 %
	Masculino	29	19.9 %
	Outro	0	0%
Idade	27 aos 35 anos	16	7.95 %
	36 aos 40 anos	36	24.6 %
	41 aos 45 anos	52 ($M=42.08$, $DP=5.28$)	35.6 %
	46 aos 50 anos	42	28.8 %
Número de filhos	1 filho	48	32.9 %
	2 filhos	72 ($M_{dn}= 2$ filhos)	49.3 %
	3 filhos	25	17.1%
	4 filhos	1	.007 %
Intervalo de idade dos filhos	Sem irmãos	48	32.2%
	Filhos com diferença inferior a 5 anos	50	34.2%
	Filhos com diferença superior a 5 anos	48	33.6%
Escolaridade	9.º ano ou menos	19	13 %
	12.º ano	27	19.9 %
	Licenciatura	78 ($M_{dn}= \text{Licenciatura}$)	53.4 %
	Mestrado	22	13 %
	Doutoramento	1	.007 %
Estado civil	Solteiro	3	2.1%
	Casado	122	83.6%
	Divorciado	17	11.6%
	União de facto	4	2.7%
Forma de trabalho na pandemia	Teletrabalho	47	32.2 %
	Presencial	43	29.5 %
	Outro	56	38.4 %

Na Tabela 1 está descrita a amostra do estudo que foi realizado com 146 sujeitos, 117 mães (80.1%) e 29 pais (19.9%), com idades compreendidas entre os 27 e 50 anos ($M=42.08$, $DP= 5.28$). A constituição das famílias varia entre 1 e 4 filhos ($M_{dn}= 2$ filhos), sendo a maioria destes com um intervalo inferior ou igual a 5 anos entre cada filho ($n=50$). Relativamente à escolaridade dos encarregados de educação, esta varia entre possuir

habilitações até ao 9.º ano a ter o Mestrado ou escolaridade superior (M_{dn} = Licenciatura). Além disto, foi demonstrado que, na generalidade, as famílias são compostas por pais casados ($n = 122$, 83.6%). No momento da pandemia a maior parte dos pais revelaram ter trabalhado em formato misto ($n = 61$, 41.8%).

Tabela 2

Estatísticas Descritivas da Experiência no Confinamento

Variável	Grupos	Frequência	Percentagem
Existiram diferenças nos seus rendimentos económicos neste período?	Sim	46	31.5 %
	Não	100	68.5 %
A forma de trabalho foi alterada (teletrabalho, presencial e/ou misto)?	Sim	100	68.5 %
	Não	46	31.5 %
Sentiu dificuldade em acompanhar os seus filhos nas tarefas escolares?	Sim	78	53.4 %
	Não	68	46.6 %
Sentiu-se sobrecarregado durante o confinamento?	Sim	94	64.4 %
	Não	52	35.6 %
Existiram diferenças na carga horária laboral durante o confinamento?	Sim	77	52.7 %
	Não	69	47.3 %
Sentiu dificuldade em articular as tarefas domésticas com as tarefas laborais?	Sim	78	53.4 %
	Não	68	46.6 %
Houve mudanças no relacionamento com o(s) seu(s) filho(s)?	Sim	66	58.9 %
	Não	80	41.1 %
Conseguiu ter tempo para realizar as suas tarefas pessoais?	Sim	86	58.9 %
	Não	60	41.1 %
Precisou de ajuda exterior para realizar as tarefas domésticas?	Sim	38	26.0 %
	Não	108	74.0 %
Sentiu que as tarefas domésticas interferiram nas tarefas laborais e vice-versa?	Sim	79	54.1 %
	Não	67	45.9 %
Sentiu que o(s) seu(s) filho(s) precisou de mais atenção e apoio da sua parte durante o confinamento?	Sim	112	76.7 %
	Não	34	23.3 %
Houve alteração na sua dinâmica familiar com o confinamento?	Sim	123	84.2 %
	Não	23	15.8 %
Sentiu-se mais sobrecarregado(a) por falta de apoios?	Sim	70	47.9 %
	Não	76	52.1 %
Sentiu mais ansiedade durante esta fase?	Sim	108	74.0 %
	Não	38	26.0 %
Perceciona o confinamento como uma situação que lhe gerasse mais <i>stress</i> e preocupações?	Sim	106	72.6 %
	Não	40	27.4 %

Através da análise da Tabela 2, foi possível concluir que os participantes durante a fase pandémica viram a sua forma de trabalho ser alterada ($n = 100$, 68.5%), sentiram dificuldade em acompanhar os seus filhos nas tarefas escolares ($n = 78$, 53.4%), sentiram-

se sobrecarregados ($n = 94$, 64.4%), a sua carga horária laboral modificou ($n = 77$, 52.7%), sentiram dificuldade na articulação entre as tarefas domésticas e laborais ($n = 78$, 53.4%), conseguiram ter tempo para realizar as suas tarefas pessoais ($n = 86$, 58.9%), sentiram que as tarefas tanto domésticas como laborais interferiram uma na outra ($n = 79$, 54.1%), que os seus filhos precisaram mais de atenção e apoio ($n = 112$, 76.7%), que se verificou alteração na dinâmica familiar durante o confinamento ($n = 123$, 84.2%), percecionaram mais ansiedade durante esta fase ($n = 108$, 74%) e que esta mesma fase gerou mais stress e preocupações ($n = 106$, 72.6%). Por outro lado, demonstraram não existir diferença nos seus rendimentos económicos ($n = 100$, 68.5%), não houve diferenças no relacionamento com os seus filhos ($n = 80$, 41.1%), não precisaram de ajuda exterior para realizar as tarefas domésticas ($n = 108$, 74%) e não sentiram sobrecarga por falta de apoios ($n = 76$, 52.1%).

Resultados

Com recurso ao programa estatístico *IBM SPSS Statistics* versão 28, foi primeiramente testada a normalidade das variáveis da amostra. Deste modo, através da análise da Curtose, Assimetria e dos valores de *Kolmogorov-Smirnov* (Anexo 7) conseguiu-se determinar que as variáveis: idade dos pais, intervalo de idade dos filhos, a dimensão total da Escala da Autoeficácia Parental (EAEP), a Escala da Autoeficácia Parental Positiva (EAPP) e as suas dimensões Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento (ACPPD) e Equilíbrio Independência-Segurança (EIS), a escala total da Escala da Autoeficácia Parental Negativa (EAPN) e a sua dimensão Controlo Negativo (CN), a dimensão total da Escala de *Stress* Parental (ESP) e suas dimensões específicas Preocupações Parentais (PP), Falta de Controlo (FC) e Medos e Angústias (MA) e por fim, a dimensão total da Escala de Conflito Trabalho-família (ECTF), a dimensão total na direção Trabalho-família e todas as suas subdimensões Conflito baseado no Tempo (CT), Conflito baseado na Tensão (CTN) e Conflito baseado no Comportamento (CC), vão de encontro à normalidade da amostra permitindo-nos usar testes paramétricos tais como, teste de *Pearson*, *ANOVA* e *Teste-T*.

As variáveis que não seguiram a normalidade e por isso foi necessário recorrer a testes não paramétricos são: a subdimensão da Autoeficácia negativa, a Permissividade, Negligência e Desinteresse (PND) e a dimensão da Satisfação Parental (SP), tendo sido requerido o uso de testes como, o teste *Kruskal-Wallis*, o teste de *Spearman* e o teste *Mann-Whitney*.

Para calcularmos os resultados médios obtidos para escala total da Autoeficácia Parental foi necessário fazer o somatório das subdimensões positiva e negativa. Para isso, na subdimensão da autoeficácia parental positiva foram somados os resultados médios das escalas ACPD e EIS ($M = 62.35$, $DP = 11.84$; $M = 26.30$, $DP = 5.43$, respetivamente) e na subdimensão da autoeficácia parental negativa foram somados os resultados médios das escalas PND e CN ($M = 11.85$, $DP = 3.71$; $M = 28.47$, $DP = 9.11$, respetivamente). No final, na subdimensão positiva foi subtraída a subdimensão negativa, dando origem ao resultado médio da escala total da Autoeficácia Parental ($M = 48.33$, $DP = 4.45$). Sendo que os resultados mais elevados na subdimensão positiva ($M = 88.65$, $DP = 17.27$) correspondem a uma melhor autoeficácia, por serem superiores aos valores na subdimensão negativa ($M = 40.32$, $DP = 12.82$).

No caso dos resultados médios encontrados na escala total de *Stress Parental*, estes traduzem-se pelo somatório da escala total, que pode variar entre 18 e 90, e onde os valores elevados indicam níveis de stress parental elevados. Assim, segundo Mixão e colaboradores (2007) foram categorizados 3 intervalos com diferentes níveis, sendo que os participantes desta amostra encontram-se no nível intermédio de *Stress Parental* com valores entre 43 e 60 ($M = 55.27$, $DP = 8.51$), sendo a dimensão de SP a mais pontuada ($M = 21.01$, $DP = 2.90$) e a dimensão MA a menos pontuada ($M = 7.49$, $DP = 2.15$). Já no questionário total ECTF ($M = 46.33$, $DP = 14.23$), com as dimensões CT ($M = 9.28$, $DP = 3.39$), CTN ($M = 7.56$, $DP = 3.15$) e CC ($M = 6.84$, $DP = 3.31$), revela que o conflito baseado tempo é o mais classificado como o que mais interfere na esfera familiar, ou seja, são responsabilizadas as questões relacionadas com o tempo dispensado para o trabalho.

1. Relação entre Autoeficácia Parental, Stress parental e Conflito trabalho-Família (H1, H2, H3)

Na Tabela 1 apresentar-se-ão os resultados relativos às variáveis principais do estudo.

Tabela 1

Autoeficácia Parental e Stress Parental

		Stress Parental	PP	FC	MA
AEP negativa	r	.214*	.276***	.169*	.036

(Continua)

(Continuação)

	p	.010	<.001	.043	.665
CN	r	.320***	.326***	.217**	.219**
	p	<.001	<.001	.009	.008

Nota. *r*: Pearson; CN: Controlo Negativo; AEP: Autoeficácia Parental; PP: Preocupações Parentais; FC: Falta de Controlo; MA: Medos e Angústias.

* $p \leq .050$; ** $p < .010$; *** $p < .001$

No que toca às variáveis Autoeficácia Parental e Stress Parental, através do teste de Pearson (Tabela 1) encontraram-se relações extremamente significativas e positivas entre as dimensões da Autoeficácia Parental Negativa e as Preocupações Parentais ($p = <.001$, $r = .276$) e o Controlo Negativo e o Stress Parental ($p = <.001$, $r = .320$). Isto é, quanto mais negativa for a perceção dos pais quanto à sua capacidade de lidar com problemas relativos aos seus filhos, maiores serão as preocupações e a falta de controlo que estão associados ao stress parental. Foram também encontradas associações significativas e positivas entre a Autoeficácia Parental Negativa e o Stress Parental ($p = .010$, $r = .214$), a Autoeficácia Parental Negativa e a Falta de Controlo ($p = .169$, $r = .043$), o Controlo Negativo com as Preocupações Parentais, Falta de controlo e Medos e Angústias ($p = <.001$, $r = .326$; $p = .009$, $r = .217$; $p = .008$, $r = .219$, respetivamente). Isto é, quanto maior for o controlo negativo associado à autoeficácia parental, maior será o stress parental percecionado, assim como as preocupações, falta de controlo e receios sobre os seus filhos. Por fim, os restantes resultados encontram-se descritos no anexo 8 com a tabela correspondente.

Tabela 1.1

Stress Parental e Conflito Trabalho-Família

		Stress Parental	PP	FC	MA
Conflito Trabalho-Família	r	.549***	.572***	.294***	.457***
	p	<.001	<.001	<.001	<.001
CT	r	.373***	.326***	.250**	.354***
	p	<.001	<.001	.002	<.001
CTN	r	.383***	.411***	.187*	.297**
	p	<.001	<.001	.024	<.001
CC	r	.523***	.539***	.278***	.441***
	p	<.001	<.001	<.001	<.001

Nota. *r*: Pearson; CT: Conflito baseado no Tempo; CTN: Conflito baseado na Tensão; CC: Conflito baseado no Comportamento; PP: Preocupações Parentais; FC: Falta de Controlo; MA: Medos e Angústias.
 $*p \leq .050$; $**p < .010$; $***p < .001$

Segundo o teste de *Pearson* (Tabela 1.1), para avaliar a relação entre o *Stress* Parental e o Conflito trabalho-família, reconhece-se que a dimensão Conflito Trabalho-Família, demonstrou relações estatisticamente significativas e baixa com a Falta de Controlo ($p = <.001$, $r = .294$) e moderadas com o *Stress* Parental ($p = <.001$, $r = .549$), com as Preocupações Parentais ($p = <.001$, $r = .572$) e com os Medos e Angústias ($p = <.001$, $r = .475$). No Conflito baseado no Tempo existem relações estatisticamente significativas positivas e baixas com o *Stress* Parental ($p = <.001$, $r = .373$), com as Preocupações Parentais ($p = <.001$, $r = .326$), com os Medos e Angústias ($p = <.001$, $r = .354$) e com a Falta de Controlo ($p = .002$, $r = .250$). Já o Conflito baseado na Tensão revelou correlações estatisticamente significativas, positivas e muito baixas com a Falta de Controlo ($p = .024$, $r = .187$), baixas com o *Stress* Parental e Medos e Angústias ($p = <.001$, $r = .383$; $p = <.001$, $r = .297$, respetivamente) e, moderadas com as Preocupações Parentais ($p = <.001$, $r = .411$).

No que respeita à variável Conflito baseado no Comportamento, revela-se estatisticamente significativa, positiva e baixa com a Falta de Controlo ($p = <.001$, $r = .278$) e relações moderadas com o *Stress* Parental, Preocupações Parentais e Medos e Angústias ($p = <.001$, $r = .523$; $p = <.001$, $r = .539$; $p = <.001$, $r = .411$, respetivamente). Posto isto, é possível assumir que quanto maior for o conflito trabalho-família, maior será o *stress* parental percecionado no seio familiar.

Tabela 1.2

Autoeficácia Parental e Conflito Trabalho-Família

		Conflito Trabalho- Família	CT	CTN	CC
Autoeficácia Parental	r	.154	.175*	.191*	.032
	p	.069	.039	.024	.703
EIS	r	-.108	.002	.006	-.199*
	p	.198	.980	.943	.017
AEP negativa	r	.243**	.150	.176*	.222**
	p	.003	.074	.036	.008
CN	r	.299***	.211**	.254**	.185*
	p	<.001	.011	.002	.026

Nota. *r*: *Pearson*; AEP: Autoeficácia Parental; ACPD: Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento; EIS: Equilíbrio Independência-Segurança; CN: Controlo Negativo; PND: Permissividade, Negligência e Desinteresse; AEP: Autoeficácia Parental; CT: Conflito baseado no Tempo; CTN: Conflito baseado na Tensão; CC: Conflito baseado no Comportamento.

* $p \leq .050$; ** $p < .010$; *** $p < .001$

De acordo com a Tabela 1.2, foi possível perceber através do teste de *Pearson* que, existem relações estatisticamente significativas, positivas e muito baixas entre a Autoeficácia Parental e o Conflito baseado no Tempo e na Tensão ($p = .039$, $r = .175$; $p = .024$, $r = .191$, respetivamente), ou seja, quanto maior o tempo dedicado ao trabalho problemas inerentes a este a interferirem no seio familiar, maior será a autoeficácia parental percecionada. Uma relação negativa e muito baixa entre a dimensão de Equilíbrio Independência-Segurança e o Conflito baseado no Comportamento ($p = .017$, $r = -.199$), isto é quanto menor for o equilíbrio sentido pela positiva autoeficácia pela parte dos pais, maior será a interferência do conflito trabalho-família relativamente a questões comportamentais. Quanto à Autoeficácia Parental Negativa existem associações positivas e muito baixas entre o Conflito trabalho-família, Conflito baseado na tensão e no comportamento ($p = .003$, $r = .243$; $p = .036$, $r = .176$; $p = .008$, $r = .222$, respetivamente). Assim, pode constatar-se que, quanto maior for a perceção negativa da autoeficácia dos pais quanto à sua capacidade de cuidar dos filhos, maior será a interferência do trabalho e suas condicionantes no seio familiar. Igualmente, verificam-se relações estatisticamente significativas, positivas e muito baixas entre o Controlo Negativo e o Conflito trabalho-família, Conflito baseado na tensão, no tempo e no comportamento ($p = <.001$, $r = .299$; $p = .011$, $r = .211$; $p = .002$, $r = .254$; $p = .026$, $r = .185$, respetivamente). Por este motivo, afirma-se que, quanto maior for a dificuldade em controlar o comportamento dos filhos, maior conflito laboral e suas especificidades existirão entre as famílias.

Contrariamente, com recurso ao teste de *Pearson* concluiu-se que não existem relações estatisticamente significativas entre a Autoeficácia Parental Negativa e o Conflito baseado no Tempo ($p = .074$), entre o Equilíbrio Independência-Segurança com o Conflito trabalho-família, Conflito baseado no tempo e na tensão ($p = .198$; $p = .980$; $p = .943$, respetivamente). Além disto, revelaram-se relações insignificativas entre a Autoeficácia Parental Positiva com o Conflito trabalho-família, com o conflito baseado no tempo, tensão e comportamento ($p = .646$; $p = .526$; $p = .571$; $p = .114$, respetivamente). No que toca às Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento também não existem associações significativas com o Conflito trabalho-família, com o conflito baseado no tempo, tensão e comportamento ($p = .873$; p

=.141; $p = .141$; $p = .141$, respetivamente). Assim sendo, é possível constatar que, as dimensões das Autoeficácia Parental e Conflito trabalho-família mencionadas no presente parágrafo não evidenciam relação entre elas.

Tabela 1.3

Autoeficácia Parental, Stress Parental e Conflito Trabalho-Família

		Conflito Trabalho- Família	CT	CTN	CC
PND	r_s	.230**	.169*	.165*	.246**
	p	.006	.044	.049	.003
SP	r_s	.271***	.173*	.141	.257**
	p	<.001	.037	.091	.002

Nota. r_s : *Spearman*; PND: Permissividade, Negligência e Desinteresse; SP: Satisfação Parental; CT: Conflito baseado no Tempo; CTN: Conflito baseado na Tensão; CC: Conflito baseado no Comportamento.

* $p \leq .050$; ** $p < .010$; *** $p < .001$

Quanto à utilização do teste de *Spearman* (Tabela 1.3), descobriram-se relações estatisticamente significativas, positivas muito baixas entre a variável Permissividade, Negligência e Desinteresse e as variáveis Conflito baseado no Tempo e na Tensão ($p = .044$, $r_s = .169$; $p = .049$, $r_s = .165$, respetivamente) e correlações baixas entre a mesma variável e o Conflito Trabalho- Família e o Conflito baseado na Tensão ($p = .006$, $r_s = .230$; $p = .006$, $r_s = .246$, respetivamente). Isto é, à medida que a Permissividade, a Negligência e o Desinteresse aumentam, o Conflito Trabalho- Família e as suas condicionantes, aumentam também. Além disto, encontraram-se associações estatisticamente significativas, positivas e baixas entre a Satisfação Parental e o Conflito Trabalho- Família ($p = <.001$, $r_s = .271$), e entre o Conflito baseado no Tempo e no Comportamento ($p = .037$, $r_s = .173$; $p = .002$, $r_s = .257$, respetivamente). Assim, pode explicar-se que, quanto maior for a Satisfação Parental percecionada, maiores serão os níveis de Conflito Trabalho- Família, mais especificamente, conflitos baseados no tempo e no comportamento. Por fim, os restantes resultados encontram-se descritos no anexo 8 com a tabela correspondente.

2. Diferenças entre Autoeficácia Parental, *Stress* parental e Conflito Trabalho-Família e o Género das Figuras Parentais (H4, H5, H6)

Na Tabela 2 indicada serão referenciadas as variáveis principais em função do género.

Tabela 2

Autoeficácia Parental e Género

	Feminino (n=112)		Masculino (n=28)		Significância Estatística		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>
AEP total	127.38	20.17	131.14	18.15	-.899	138	.427
AEP positiva	88.89	16.77	87.61	16.13	.366	139	.498
ACPD	62.35	12.04	62.39	11.22	-.019	139	.339
EIS	26.52	5.39	25.41	5.59	.982	142	.959
AEP negativa	39.12	10.57	44.97	11.75	-2.60	141	.576
CN	11.77	3.90	12.14	2.90	-.470	142	.110

Nota. *M*: média; *DP*: desvio-padrão; *t*: Teste *t*; *gl*: grau de liberdade; AEP: Autoeficácia Parental; ACPD: Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento; EIS: Equilíbrio Independência-Segurança; CN: Controlo Negativo; PND: Permissividade, Negligência e Desinteresse; AEP: Autoeficácia Parental.

* $p > .050$

No que toca à relação entre o género e a Autoeficácia Parental e as suas dimensões, através da análise dos resultados do *Teste t* (Tabela 2), comprovamos que não existem diferenças estatisticamente significativas. Assim, confirma-se a inexistência de variações entre o género e a Autoeficácia Parental ($p = .427$), a Autoeficácia Parental Positiva ($p = .498$), as Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento ($p = .339$), o Equilíbrio Independência-Segurança ($p = .959$), a Autoeficácia Parental Negativa ($p = .576$) e o Controlo Negativo ($p = .110$). Ou seja, a Autoeficácia Parental não varia em função do género dos progenitores.

Tabela 2.1

Autoeficácia parental, Stress parental e Género

	Feminino	Masculino	U de Mann Whitney	
	<i>OM</i>	<i>OM</i>	<i>U</i>	<i>p</i>
PND	66.24	94.66	996.00	<.001

(Continua)

(Continuação)

SP	75.24	66.50	1493.50	.306
----	-------	-------	---------	------

Nota. OM: ordem média; U: U de Mann Whitney; PND: Permissividade, Negligência e Desinteresse; SP: Satisfação Parental.

* $p > .050$

Na Tabela 2.1, de acordo com o teste estatístico *Mann Whitney*, existe diferença estatisticamente significativa entre o gênero e a variável Permissividade, Negligência e Desinteresse, inserida na Autoeficácia Parental ($U = 996.00$, $p = <.001$), sendo que a ordem média é superior nos homens ($OM = 94.66$). Isto é, são os pais quem demonstram mais atitudes de Permissividade, Negligência e Desinteresse em relação aos filhos. No entanto, contrariamente à dimensão anterior, a dimensão Satisfação Parental não apresenta diferenças significativas para o estudo ($p = .306$). O que comprova que a variável em estudo, não varia em função do gênero dos pais.

Tabela 2.2

Stress Parental e Gênero

	Feminino (n=112)		Masculino (n=28)		Significância Estatística		
	M	DP	M	DP	t	gl	p
ESP total	55.34	8.23	55.00	9.74	.193	144	.393
PP	9.97	4.08	10.52	4.27	-.636	144	.922
FC	16.70	2.16	16.66	2.98	.094	144	.102
MA	7.60	2.13	7.07	2.22	1.187	144	.659

Nota. M: média; DP: desvio-padrão; t: Teste t; gl: grau de liberdade; ESP: Escala de *Stress Parental*; PP: Preocupações Parentais; FC: Falta de Controle; MA: Medos e Angústias.

* $p > .050$

No que toca à relação entre o gênero e o *Stress Parental* e as suas dimensões, através da análise dos resultados do *Teste t* (Tabela 2.2), comprovamos que não existem diferenças estatisticamente significativas. Assim, confirma-se a inexistência de variações entre o gênero e o *Stress Parental* ($p = .393$), a Preocupações Parentais ($p = .922$), a Falta de Controle ($p = .102$) e, os Medos e Angústias ($p = .659$), pelo que as variáveis descritas anteriormente não variam em função do gênero.

Tabela 2.3*Conflito Trabalho-Família e Gênero*

	Feminino (n=112)		Masculino (n=28)		Significância Estatística		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>
ECTF total	47.14	14.18	43.07	14.21	1.38	144	.978
CT	9.36	3.35	8.97	3.59	.558	144	.324
CTN	7.67	3.21	7.14	2.91	.808	144	.356
CC	6.93	3.37	6.48	3.10	.653	144	.497

Nota. *M*: média; *DP*: desvio-padrão; *t*: Teste *t*; *gl*: grau de liberdade; ECTF: Escala Conflito Trabalho-família; CT: Conflito baseado no Tempo; CTN: Conflito baseado na Tensão; CC: Conflito baseado no Comportamento.

* $p > .050$

No que toca à relação entre o gênero e o Conflito Trabalho-família e as suas dimensões, através da análise dos resultados do *Teste t* (Tabela 2.3), comprovamos que não existem diferenças estatisticamente significativas. Assim, verificar-se a inexistência de variações entre o gênero e o Conflito Trabalho-família ($p = .978$), o Conflito baseado no Tempo ($p = .324$), o Conflito baseado na Tensão ($p = .356$) e o Conflito baseado no Comportamento ($p = .497$). pelo que as variáveis descritas anteriormente não variam em função do gênero.

3. Diferenças entre Autoeficácia Parental, *Stress* Parental e Conflito Trabalho-Família e o Número de Filhos (H7, H8, H9)

Na Tabela 3 representar-se-ão os resultados das variáveis principais em função do número de filhos. Apesar da amostra apresentar sujeitos com 4 filhos, existe uma grande diferença na constituição destes, e por isso, somente foram consideradas 3 categorias (1 filho, 2 filhos ou 3 ou mais filhos) nas análises estatísticas.

Tabela 3*Autoeficácia Parental, Stress Parental e Conflito Trabalho-Família e Número de Filhos*

1 filho		2 filhos		3 ou mais filhos		ANOVA	
<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>

(Continua)

(Continuação)

CN	12.54	4.02	12.03	3.67	10.12	2.73	3.87	.023
FC	16.90	2.67	16.97	1.47	15.54	3.22	4.03	.020

Nota. *M*: média; *DP*: desvio-padrão; *F*: ANOVA; CN: Controlo Negativo; FC: Falta de Controlo.

* $p > .050$

Foi utilizada a ANOVA para avaliar se existem diferenças na Autoeficácia Parental, o *Stress* Parental e o Conflito Trabalho-família e o número de filhos. Com recurso à Tabela 3, podemos verificar que existe uma diferença estatisticamente significativa na dimensão Controlo Negativo, pertencente à Autoeficácia Parental ($F = 3.87, p = .023$), sendo que as pontuações médias são superiores em pais com 1 filho. Com recurso ao teste de comparações múltiplas de Gabriel, as diferenças são estatisticamente significativas em pais com 3 ou mais filhos ($DM = 2.428, p = .020$). É igualmente verificável a existência de uma diferença estatisticamente significativa na dimensão Falta de Controlo, incluída no *Stress* Parental ($F = 4.03, p = .020$), sendo que as pontuações médias são superiores em pais com 2 filhos. Com recurso ao teste de comparações múltiplas de Gabriel, reconhece-se que as diferenças são estatisticamente significativas em pais com 3 ou mais filhos ($DM = 1.434, p = .016$).

Pelo contrário não foram descobertas diferenças estatisticamente significativas na Autoeficácia Parental ($p = .079$), na Autoeficácia Parental positiva ($p = .166$), nas Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento ($p = .175$), no Equilíbrio Independência-Segurança ($p = .217$) e na Autoeficácia Parental negativa ($p = .203$). Ademais, também não foram encontradas diferenças significativas no *Stress* Parental ($p = .075$), nas Preocupações Parentais ($p = .771$) e nos Medos e Angústias ($p = .133$). Para além disto, não foram encontradas igualmente diferenças estatisticamente significativas na Escala de Conflito Trabalho-família ($p = .666$), no Conflito baseado no Tempo ($p = .582$), na Tensão ($p = .244$) e no Comportamento ($p = .903$). Assim, pode constatar-se que as dimensões supracitadas acerca das três variáveis principais não variam em função do número de filhos (Anexo 8).

Tabela 3.1

Autoeficácia Parental, Stress parental e Número de Filhos

	1 filho	2 filhos	3 ou mais filhos	Kruskal Wallis		
	<i>OM</i>	<i>OM</i>	<i>OM</i>	χ^2	<i>gl</i>	<i>p</i>
PND	74.01	72.70	65.46	1.02	3	.795
SP	71.86	80.40	58.76	6.75	3	.080

Nota. *OM*: Ordem média; *gl*: graus de liberdade; PND: Permissividade, Negligência e Desinteresse; SP: Satisfação Parental.

* $p > .050$

Através do recurso ao teste de Kruskal-Wallis (Tabela 3.1), foi possível verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas nas variáveis Permissividade, Negligência e Desinteresse e Satisfação Parental, em função do número de filhos [$\chi^2_{(3)} = 1.02$, $p = .795$; $\chi^2_{(3)} = 6.75$, $p = .080$], respetivamente. Isto é, as variáveis referidas não variam em função do número de filhos de cada família.

4. Diferenças entre *Stress Parental* e o Estado Civil (H10)

Nas tabelas em seguida será referenciada a influência do estado civil no *stress* parental. Apesar da amostra apresentar sujeitos solteiros e em união de facto, existe uma grande diferença na constituição destes, e por isso, somente foram consideradas 2 categorias (casados e divorciados) nas análises estatísticas.

Tabela 4

Stress Parental e Estado Civil

	Casados (n=122)		Divorciados (n=17)		Significância Estatística		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>
ESP total	55.48	8.77	53.71	7.20	.799	137	.549
PP	10.28	4.21	8.82	3.58	1.36	137	.188
FC	16.68	2.49	16.88	1.41	-.327	137	.245
MA	7.52	2.22	7.00	1.87	.914	137	.485

Nota. *M*: média; *DP*: desvio-padrão; *t*: Teste t; *gl*: grau de liberdade; ESP: Escala de *Stress Parental*; PP: Preocupações Parentais; FC: Falta de Controlo; MA: Medos e Angústias.

* $p > .050$

No que toca à relação entre o estado civil e o *Stress Parental* e as suas dimensões, através da análise dos resultados do *Teste t* (Tabela 4), comprovamos que não existem diferenças estatisticamente significativas. Assim, confirma-se a inexistência de diferenças

entre o estado civil e o *Stress Parental* ($p = .459$), as Preocupações Parentais ($p = .188$), a Falta de Controlo ($p = .245$) e, os Medos e Angústias ($p = .485$), pelo que as variáveis descritas anteriormente não variam em função do estado civil dos progenitores.

Tabela 4.1

Stress Parental e Estado Civil

	Casados	Divorciados	<i>U de Mann Whitney</i>	
	<i>OM</i>	<i>OM</i>	<i>U</i>	<i>p</i>
SP	69.79	71.53	1011.00	.863

Nota. *OM*: Ordem média; *gl*: graus de liberdade; SP: Satisfação Parental.

* $p > .050$

De acordo com o teste estatístico *Mann Whitney*, a dimensão Satisfação Parental (Tabela 4.1) não apresenta diferenças significativas para o estudo ($p = .863$). Assim sendo, deduz-se que a dimensão referida não varia em função do estado civil dos progenitores desta amostra.

5. Diferenças entre Autoeficácia Parental, *Stress Parental* e a Escolaridade dos Pais (H11, H12)

As tabelas associadas ao presente tópico representarão a influencia da escolaridade na Autoeficácia e *Stress* parental. Apesar da amostra apresentar sujeitos com doutoramento, existe uma grande diferença na constituição destes, e por isso, somente foram consideradas 4 categorias (9.º ano ou menos, 12.º ano, licenciatura e mestrado ou superior) nas análises estatísticas.

Tabela 5

Autoeficácia Parental, Stress Parental e a Escolaridade dos Pais

	9.º ano ou menos		12.º ano		Licenciatura		Mestrado ou superior		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
EAEP total	127.00	21.24	124.61	20.42	130.61	19.57	124.95	18.42	.873	.457

(Continua)

(Continuação)

ESP total	54.95	11.64	53.62	7.76	56.06	8.47	54.90	6.15	.606	.612
--------------	-------	-------	-------	------	-------	------	-------	------	------	------

Nota. *M*: média; *DP*: desvio-padrão; *F*: ANOVA; AEP: Autoeficácia Parental; ESP: Escala *Stress* Parental.

* $p > .050$

Recorreu-se ao uso do teste ANOVA (Tabela 5 e anexo 8) para identificar a presença de diferenças estatisticamente significativas entre a Autoeficácia parental, o *Stress* parental e a escolaridade dos pais. Desta forma, não existem diferenças na Autoeficácia parental ($p = .457$), na Autoeficácia Parental positiva ($p = .403$), nas Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento ($p = .436$), no Equilíbrio Independência-Segurança ($p = .577$) e na Autoeficácia Parental negativa ($p = .570$) e no Controlo Negativo ($p = .421$). Ademais, também não foram encontradas diferenças significativas no *Stress* Parental ($p = .612$), nas Preocupações Parentais ($p = .488$), na Falta de Controlo ($p = .667$) e, nos Medos e Angústias ($p = .230$). Com estes resultados pode afirmar-se que o nível de escolaridade dos pais não exerce qualquer variação em função da Autoeficácia e do *Stress* parental.

Tabela 5.1

Autoeficácia Parental, Stress Parental e a Escolaridade dos Pais

	9.º ano ou menos	12.º ano	Licenciatura	Mestrado ou superior	Kruskal Wallis		
	<i>OM</i>	<i>OM</i>	<i>OM</i>	<i>OM</i>	χ^2	<i>gl</i>	<i>p</i>
PND	67.21	75.90	73.25	66.20	.975	3	.807
SP	76.03	66.60	74.82	75.95	1.04	3	.792

Nota. *OM*: Ordem média; *gl*: graus de liberdade; PND: Permissividade, Negligência e Desinteresse; SP: Satisfação Parental.

* $p > .050$

Através do recurso ao teste de *Kruskal-Wallis* (Tabela 5.1), foi possível verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas nas variáveis Permissividade, Negligência e Desinteresse e Satisfação Parental, em função da escolaridade dos pais [$\chi^2_{(3)} = .975, p = .807$; $\chi^2_{(3)} = 1.04, p = .792$], respetivamente. Posto isto, estas dimensões relativas à Autoeficácia e *Stress* Parental não variam em função da escolaridade dos pais.

6. Diferenças entre Autoeficácia Parental, Conflito Trabalho-Família e a Idade dos Filhos (H13, H14)

As tabelas infra serão representativas da influência das idades dos filhos na Autoeficácia parental e o Conflito trabalho-família.

Tabela 6

Autoeficácia Parental, Conflito Trabalho-Família e a Idade dos Filhos

	Sem irmãos		Com diferença igual ou inferior a 5 anos		Com diferença superior a 5 anos		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
EAEP total	129.73	19.37	128.27	18.78	126.51	21.39	.299	.742
ECTF total	47.53	16.45	45.16	11.56	46.37	14.60	.334	.717

Nota. M: média; DP: desvio-padrão; F: ANOVA; AEP: Autoeficácia Parental; ECTF: Escala de Conflito trabalho-família.

* $p > .050$

Recorreu-se à utilização do teste ANOVA (Tabela 6 e anexo 8) para identificar a presença de diferenças estatisticamente significativas entre a Autoeficácia parental, o Conflito Trabalho-família e o intervalo de idades dos filhos. Desta forma, não existem diferenças na Autoeficácia Parental ($p = .742$), na Autoeficácia Parental positiva ($p = .788$), nas Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento ($p = .696$), no Equilíbrio Independência-Segurança ($p = .947$) e na Autoeficácia Parental negativa ($p = .331$) e no Controlo Negativo ($p = .220$). Para além disto, não foram encontradas igualmente diferenças estatisticamente significativas na Escala de Conflito Trabalho-família ($p = .717$), no Conflito baseado no Tempo ($p = .683$), na Tensão ($p = .383$) e no Comportamento ($p = .865$). Com estes resultados pode afirmar-se que a autoeficácia parental e o conflito trabalho-família não variam em função do número de filhos.

Tabela 6.1

Autoeficácia Parental e a Idade dos Filhos

	Sem irmãos	Com diferença igual ou inferior a 5 anos	Com diferença superior a 5 anos	Kruskal -Wallis		
	OM	OM	OM	χ^2	gl	p
PND	72.93	67.31	76.01	1.12	2	.572

Nota. OM: Ordem média; gl: graus de liberdade; PND: Permissividade, Negligência e Desinteresse.

* $p > .050$

Através do recurso ao teste de *Kruskal-Wallis* (Tabela 6.1), foi possível verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas na dimensão Permissividade, Negligência e Desinteresse, em função do intervalo de idades dos filhos [$\chi^2_{(2)} = 1.12$, $p = .572$]. Assim, a Permissividade, Negligência e Desinteresse não varia em função da idade dos filhos.

7. Diferenças entre *Stress Parental* e a Idade dos Pais (H15)

As tabelas seguintes revelarão se o *Stress* parental varia em função da idade dos pais.

Tabela 7

Stress Parental e a Idade dos Pais

		ESP	PP	FC	MA
Idade dos pais	r	-.115	-.098	-.037	-.240**
	p	.167	.238	.655	.003

Nota. r: *Pearson*; ESP: Escala *Stress Parental*; PP: Preocupações Parentais; FC: Falta de Controlo; MA: Medos e Angústias; SP: Satisfação Parental.

* $p \leq .050$; ** $p < .010$; *** $p < .001$

De acordo com a tabela 7, foi possível perceber através do teste de *Pearson* que, existe uma relação estatisticamente significativa, negativa e baixa entre a idade dos pais e os Medos e Angústias ($p = .003$, $r = -.240$), ou seja, quanto mais novos são os pais, maior é a perceção de medo e angústias. Já nas restantes variáveis, *Stress Parental*, Preocupações Parentais e Falta de Controlo, não foram descobertas correlações significativas ($p = .167$; $p = .238$; $p = .655$, respetivamente), o que significa que o *Stress Parental* não varia em função da idade dos progenitores.

Tabela 7.1*Stress Parental e a Idade dos Pais*

		SP
Idade dos pais	r_s	-.156
	p	.061

Nota. r_s : Spearman; SP: Satisfação Parental.

* $p \leq .050$; ** $p < .010$; *** $p < .001$

Da mesma forma, utilizando o teste de *Spearman* (Tabela 7.1), também não foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre a idade dos pais e a Satisfação Parental ($p = .061$), isto é, esta não varia em função da idade dos progenitores.

8. Diferenças entre Autoeficácia Parental, *Stress* parental e Conflito Trabalho-Família e Formas de Trabalho na Pandemia (Q1)

A última tabela revelará a diferença entre as variáveis principais e as formas de trabalho na pandemia.

Tabela 8*Autoeficácia Parental, Stress Parental, Conflito Trabalho-Família e Formas de Trabalho*

	Teletrabalho		Presencial		Outro		ANOVA	
	M	DP	M	DP	M	DP	F	p
AEP total	128.91	17.36	122.77	22.05	130.71	19.84	1.85	.162
ESP total	54.60	8.55	54.97	9.60	55.98	7.83	.382	.683
ECTF total	45.13	11.87	46.34	12.56	47.25	16.79	.291	.748

Nota. M : média; DP : desvio-padrão; F : ANOVA; AEP: Autoeficácia Parental; ESP: Escala de Stress Parental; ECTF: Escala de Conflito trabalho-família.

* $p > .050$

Na utilização do teste ANOVA (Tabela 8) para verificar a presença de diferenças estatisticamente significativas entre a Autoeficácia parental, *Stress* parental, o Conflito trabalho-família e as formas de trabalho durante a pandemia, verificou-se que não existem diferenças significativas em nenhuma das dimensões descritas na tabela 8. Assim, não há diferenças na Autoeficácia Parental ($p = .162$), na Autoeficácia Parental positiva ($p = .129$), nas Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento ($p = .165$), no Equilíbrio Independência-Segurança ($p = .152$), na Autoeficácia Parental

negativa ($p = .979$) e no Controlo Negativo ($p = .683$) Em adição, também não foram encontradas diferenças significativas no *Stress* Parental ($p = .683$), nas Preocupações Parentais ($p = .742$), na Falta de Controlo ($p = .078$) e nos Medos e Angústias ($p = .737$). Para além disto, não foram encontradas igualmente diferenças estatisticamente significativas na Escala de Conflito Trabalho-família ($p = .748$), no Conflito baseado no Tempo ($p = .732$), na Tensão ($p = .695$) e no Comportamento ($p = .600$) (Anexo 8). Deste modo, pode afirmar-se que as dimensões suprarreferidas, não variam em função da forma de trabalho durante a pandemia.

Tabela 8.1

Autoeficácia Parental, Stress Parental e Formas de Trabalho

	Teletrabalho	Presencial	Outro	Kruskal Wallis		
	OM	OM	OM	χ^2	gl	p
PND	74.55	69.97	71.27	.281	2	.869
SP	71.41	76.91	72.98	.391	2	.822

Nota. OM: Ordem média; gl: graus de liberdade; PND: Permissividade, Negligência e Desinteresse; SP: Satisfação Parental.

* $p > .050$

Através do recurso ao teste de *Kruskal-Wallis* (Tabela 8.1), foi possível verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas nas variáveis Permissividade, Negligência e Desinteresse e Satisfação Parental, em função das formas de trabalho durante a pandemia [$\chi^2_{(2)} = .281, p = .869$; $\chi^2_{(2)} = .391, p = .822$], respetivamente. Ou seja, as variáveis supracitadas não variam em função do tipo de trabalho adotado durante o período pandémico.

Por fim, ao longo da demonstração dos resultados obtidos podemos concluir que, se obteve associações estatisticamente significativas entre as dimensões dos questionários utilizados, ou seja, uma relação entre a Autoeficácia Parental Negativa com o *Stress* Parental e suas dimensões (Preocupações Parentais, Falta de Controlo) e com o Conflito trabalho-família e suas dimensões (conflito baseado na tensão e no comportamento). Uma relação com o Controlo Negativo com o *Stress* Parental e suas dimensões (Preocupações Parentais, Falta de Controlo, Medos e Angústias) e com o Conflito trabalho-família e suas dimensões. Foram encontrados também resultados significativos entre o *Stress* Parental e o Conflito trabalho-família e suas respetivas dimensões, assim como relações estatisticamente significativas entre a Autoeficácia Parental e o conflito baseado no tempo

e na tensão. Entre a dimensão Equilíbrio, Independência- Segurança e o conflito baseado no comportamento, entre a Permissividade, Negligência e Desinteresse e o Conflito trabalho-família e suas respectivas dimensões. Além disto, parecem existir diferenças estatisticamente significativas entre a idade dos pais e os Medos e Angústias.

De outro modo, não foram descobertas relações entre a Autoeficácia Parental, Autoeficácia Parental Positiva, Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento, Equilíbrio Independência-Segurança e Permissividade, Negligência e Desinteresse com o Stress Parental e as suas dimensões (Preocupações Parentais, Falta de Controlo, Medos e Angústias, Satisfação Parental). Entre Autoeficácia Parental Negativa com os Medos e Angústias e a Satisfação Parental, nem entre o Controlo Negativo e a Satisfação Parental. Igualmente, revela-se a ausência de resultados entre o Conflito trabalho-família e Autoeficácia Parental, Autoeficácia Parental Positiva, Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento e Equilíbrio Independência-Segurança. Entre o Conflito baseado no tempo e a Autoeficácia Parental Positiva e Negativa, Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento e Equilíbrio Independência-Segurança. Entre o Conflito baseado na tensão e a Autoeficácia Parental Positiva, Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento e o Equilíbrio Independência-Segurança. Finalmente, entre o Conflito baseado no comportamento e a Autoeficácia Parental e Parental Positiva, Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento.

Em finalidade, quanto às variáveis sociodemográficas (idade dos filhos e dos pais, género, escolaridade dos pais, estado civil, formas de trabalho durante a pandemia e o número de filhos) estas não revelaram qualquer variação nas três variáveis principais deste estudo, a Autoeficácia Parental, o *Stress* Parental e o Conflito trabalho-família.

Discussão

No que concerne à primeira hipótese “Existe uma relação entre a Autoeficácia Parental e o *Stress* Parental durante a pandemia” não foram encontradas associações estatisticamente significativas entre as duas variáveis principais. No entanto, descobriram-se bastantes associações significativas entre as dimensões das duas variáveis. Encontrando-se assim primeira hipótese parcialmente confirmada.

Assim sendo, os estudos realizados durante a pandemia por Moscardino e colaboradores (2021) e por Xue e colaboradores (2021) revelaram que a Autoeficácia e o *Stress* Parental estão interrelacionadas, sendo defendido que a autoeficácia é influenciada

negativamente pelo *Stress* Parental sentido durante esta fase e que para além disto, ambas as variáveis podem afetar negativamente a parentalidade. Assim, para além do facto deste estudo corroborar a ideia de que ambas as variáveis revelam um efeito negativo na parentalidade, indica-nos que existe uma associação estritamente significativa e positiva, apenas com a dimensão da Autoeficácia Parental Negativa (juntamente com a dimensão Controlo Negativo) e o *Stress* Parental (juntamente com as dimensões Preocupações Parentais, Falta de Controlo e Medo e Angústias). Ou seja, um aumento da Autoeficácia Parental Negativa é indicador de um maior *Stress* Parental, que se traduz em comportamentos de controlo negativo face ao desenvolvimento da criança, no aumento de preocupações e de receios acerca da parentalidade durante o período pandémico.

No que respeita à segunda hipótese “Existe uma relação entre Autoeficácia parental e o Conflito trabalho-família durante a pandemia”, não foram descobertas associações estatisticamente significativas entre as duas variáveis principais. Ainda assim, encontraram-se algumas associações significativas entre as dimensões das duas variáveis, confirmando-se parcialmente a segunda hipótese.

Neste sentido, Anderson (2006), Cinamon e colaboradores (2007), Erdwins e colaboradores (2001), Pereira e colaboradores (2017) e, Raj e Appu (2021) com auxílio das suas descobertas, postulam que há uma relação negativa entre o Conflito Trabalho-Família e a Autoeficácia Parental, sugerindo que o nível deste conflito principalmente nas mães diminui à medida que aumenta a autoeficácia nos seus papéis de vida, ou seja, quanto maior for o conflito, menor é a perceção de Autoeficácia Parental. Além destas conclusões é discutido que o Conflito Trabalho-Família desempenha um papel fulcral na transformação da Autoeficácia Parental de pais trabalhadores durante a pandemia.

Desta forma, os resultados por nós obtidos comprovam parcialmente os estudos dos investigadores supra referenciados, pelo facto de terem sido evidenciadas relações significativas entre o Conflito Trabalho-Família e as suas dimensões com a Autoeficácia Parental, neste caso, negativa. Assim, o conflito pode dever-se à existência de tarefas laborais que dificultam o desempenho de tarefas familiares, sendo que o conflito baseado no tempo e na tensão influenciam a Autoeficácia Parental na sua globalidade e uma Autoeficácia Parental Negativa é associada a um maior conflito entre o trabalho e a família, nomeadamente no Conflito baseado na Tensão e no comportamento. Dentro da Autoeficácia Parental Negativa, foram igualmente descobertas relações significativas e positivas no Controlo Negativo e na Permissividade, Negligência e Desinteresse, com o conflito trabalho-família e as suas dimensões (Conflito baseado no Tempo, Tensão e

Comportamento), ou seja, um aumento de conflitos laborais associados à esfera familiar parecem estar relacionados atitudes de controlo absoluto sobre a criança, quer no presente e futuro e, comportamentos que demonstram um relativo desinvestimento face à criança, tal como na sua saúde, nas regras familiares e no seu desenvolvimento afetivo.

Por outro lado, concluiu-se, através de uma associação estatisticamente significativa e negativa, que um maior Equilíbrio Independência-Segurança parece estar relacionado com um menor Conflito Trabalho-Família, baseado no comportamento, isto é, a maior consistência parental da importância da promoção da independência e da responsabilidade na criança sem, no entanto, negligenciar aspetos básicos da sua segurança afetiva ajuda na diminuição dos comportamentos indutores de conflito.

No que concerne à terceira hipótese “Existe uma relação entre o *Stress* parental e o Conflito Trabalho-Família durante a pandemia”, foram encontradas relações estatisticamente significativas entre ambas as variáveis e suas dimensões, confirmando a presente hipótese.

Por conseguinte, os resultados encontrados no estudo validam as conclusões retiradas pelos autores Chung e colaboradores (2020b) e Pereira e colaboradores (2017) que apontam que o *Stress* Parental foi superior durante o período de confinamento, quando os níveis de Conflito entre Trabalho-Família também eram maiores, ou seja, os níveis de conflito entre estas duas variáveis aumentaram. Deste modo, é possível salientar com os dados recolhidos neste estudo indicam que existem relações estatisticamente significativas e positivas entre as variáveis, isto significa que, quanto maiores são os níveis de Conflito Trabalho-Família baseados no Tempo, tensão e comportamento maior é o *Stress* Parental sentido pelos pais, que se traduz num aumento nas Preocupações Parentais, nos Medos e Angústias, na Falta de Controlo e na Satisfação Parental durante o período pandémico. No entanto, o Conflito baseado na Tensão parece não exercer influência na dimensão da Satisfação Parental.

No que tange à quarta hipótese “A Autoeficácia Parental varia em função do género das figuras parentais”, neste estudo não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a Autoeficácia Parental e o género. Com isto, a hipótese não se encontra confirmada, isto é o género das figuras parentais parece não exercer influência na sua autoeficácia.

Desta forma, estes resultados não vão de encontro às investigações de Anderson (2006), Cinamon e colaboradores (2007), Costa e Faria (2015), Ferreira e colaboradores (2014) e, Meunier e Roskam (2009) que indicam que realmente existem diferenças na

Autoeficácia Parental, nomeadamente nas mulheres, indicando que são as mães que tendem a demonstrar maiores níveis. Este contraste nos resultados poderá ser indicativo de uma igualdade na perceção da Autoeficácia Parental, tanto nos homens como nas mulheres, ou seja, poderá estar a criar-se uma tendência de serem ambas as figuras parentais a investir nos domínios de cuidados instrumentais, na disponibilidade e no suporte emocional e no domínio da disciplina, ao invés de apenas serem os pais assentes no domínio da disciplina e as mães nos restantes domínios, contrariando este ponto as investigações dos autores referidos em supra. Poderá assim, assistir-se a uma interajuda parental, que reduzirão as diferenças de perceção de autoeficácia. O facto da distribuição entre géneros não ser homogénea, havendo sensivelmente mais mulheres do que homens a participar, pode também influenciar estes resultados.

No que diz respeito à quinta hipótese “O *Stress* Parental varia em função do género das figuras parentais”, neste estudo não foram descobertas diferenças estatisticamente significativas entre o *Stress* e o género, ou seja, a hipótese não será confirmada pelo facto do género não exercer influência nesta variável.

Por este motivo, os resultados por nós encontrados demonstram parcialmente corroborar os estudos dos autores, uma vez que estes estudos evidenciam, que o género exerce influência, mas não significativamente no *stress* dos pais (Ponet et al., 2013; Rocha, 2012; Santos, 2008), ou seja, poderá discutir-se uma possível equitatividade na presença do *Stress* Parental pela possibilidade de existência de um equilíbrio de papeis e de tarefas familiares e, mais uma vez, pelo facto, da distribuição entre géneros não ser uniforme.

No que concerne à sexta hipótese “O Conflito Trabalho-Família varia função do género das figuras parentais”, esta não se encontra confirmada, pela inexistência de influência do género no Conflito Trabalho-Família.

Deste modo, os resultados descobertos não estão em conformidade com as investigações de Erdwins e colaboradores (2001), Landivar e colaboradores (2020), Qian e Fuller (2020) que postulam que são as mães quem apresentam maiores níveis de conflito, pelo facto de estas terem mais propensão para ficarem desempregadas, contribuindo para uma maior lacuna na igualdade de género laboral, assim como existe para um maior aumento no conflito entre a vida profissional e familiar. Por outro lado, os achados de Schieman e colaboradores (2021) emergem na ideia de que não existem diferenças de género, ou seja, mulheres e homens não diferiram no conflito entre a vida

profissional e familiar e a maneira como essa relação mudou durante a pandemia, o que comprova os resultados encontrados neste estudo.

Relativamente à sétima hipótese “A Autoeficácia Parental varia em função do número de filhos” não foram encontrados resultados estatisticamente significativos na variável principal, a autoeficácia, mas sim na dimensão pertencente, o Controlo Negativo. Este resultado indica que as pontuações médias são superiores em pais com 1 filho, mas que as diferenças são estatisticamente significativas representam-se pelos pais com 3 filhos. Ou seja, a sétima hipótese encontra-se parcialmente confirmada pelo facto de o número de filhos exercer influência apenas na Autoeficácia Parental Negativa através do aumento de atitudes de controlo parentais relativas ao desenvolvimento da criança.

Neste seguimento, os resultados encontrados por Coleman e Karraker (2000), Ferreira e colaboradores (2014), Figueroa e colaboradores (2021) e Ulfsdotter e colaboradores (2014) demonstram não ir de encontro aos resultados descritos nesta investigação, no sentido de não terem sido descobertas diferenças entre a autoeficácia e o número de filhos. Estes autores referem que há evidências de diferenças nas perceções de Autoeficácia Parental consoante o número de filhos. No entanto, a existência de diferença significativa no Controlo Negativo com o número de filhos indica a presença de uma ligação com o estudo de Figueroa e colaboradores (2012) que evidenciou a existência de uma relação significativa e negativa entre Autoeficácia Parental e número de filhos, ou seja, um maior número de filhos prediz uma Autoeficácia Parental menor/negativa, o que traduz o nosso resultado indicativo de que são os pais com 3 ou mais filhos que demonstram um aumento de atitudes de controlo negativas.

Deste modo, a presença de uma Autoeficácia Parental Negativa poderá explicar-se pelo momento pandémico pelo qual os pais atravessaram, que fez com que estes, com uma dinâmica familiar assoberbada pelo elevado número de filhos e pela maior dificuldade em gerir as tarefas domésticas, escolares e laborais simultaneamente não conseguissem gerir esta situação de forma positiva, munindo-se de menos estratégias indicativas de uma Autoeficácia Parental Positiva.

No que toca à oitava hipótese “O *Stress* Parental varia em função do número de filhos” não foram descobertos resultados estatisticamente significativos na variável principal do *stress*, mas sim na dimensão pertencente, a Falta de Controlo. Este resultado revela que as pontuações médias são superiores em pais com 2 filhos, no entanto as diferenças são estatisticamente significativas em pais com 3 filhos. Isto é, a presente

hipótese é parcialmente confirmada no sentido em que o maior número de filhos apenas exerce influência na existência de um menor controlo por parte dos pais.

Desta maneira, o principal resultado encontrado neste estudo não coincide com o estudo de Andrada e colaboradores (2009), que defende que um maior *Stress* Parental sentido é associado a um menor número de filhos, ou seja, indica que existe relação entre estas duas variáveis. Por sua vez, o resultado parcial da dimensão de Falta de Controlo, revela unanimidade na existência de relação entre o número de filhos (irmãos) e o controlo negativo na investigação de Silva (2012), no entanto, foi concluído que existe uma relação negativa e não positiva como a que foi exposta neste estudo, contrariando as conclusões do autor, que indicam que a inexistência de irmãos (apenas um filho) leva a maior falta de controlo por parte dos progenitores. Por conseguinte, o nosso estudo revela que famílias numerosas lidam pior com as situações adversas e de maior *stress*, tal como a passagem por uma pandemia.

No que refere à nona hipótese “O Conflito Trabalho-Família varia em função do número de filhos” não foram descobertos resultados estatisticamente significativos na variável, ou seja, a hipótese não se encontra confirmada pelo facto do número de filhos não exercer influência no Conflito Trabalho-Família.

Estes resultados não vão de encontro à investigação de Schieman e colaboradores (2021) que alegam resultados que provam que os níveis médios deste conflito diminuíram entre os trabalhadores sem filhos a morar em casa durante os primeiros meses da pandemia *COVID-19*, sendo este padrão semelhante ao longo das duas recolhas. Por este motivo, poderá justificar-se a não confirmação da hipótese pelo facto de, no caso de haver irmãos (maioria das famílias com 2 filhos), estes poderem ajudar-se mutuamente e disfrutarem da companhia um do outro, aliviando a sobrecarga nos pais. Por outro lado, o facto de não existirem irmãos, poderá também aliviar a sobrecarga dos pais, pelo motivo de terem apenas que auxiliar um filho.

No que concerne à décima hipótese “O *Stress* Parental varia em função do estado civil”, neste estudo não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o estado civil e o *stress* dos progenitores, pelo que indica que neste estudo o estado civil não exerce influência no *stress* sentido pelos pais. Assim, não é possível confirmar a hipótese em questão.

Desta maneira os investigadores, Putnick e colaboradores (2008), Silva (2012), Szelbrackowski e Dessen (2007), não defendem a mesma ideia, visto que relatam ser os pais solteiros que demonstravam maiores níveis de preocupações parentais e os

divorciados/separados maiores níveis de satisfação, ou seja, a monoparentalidade é tida como uma desvantagem para o papel parental (Martins, 2008). Estas conclusões contradizem o nosso estudo, pois revela-se a existência de relação entre estas duas variáveis. Esta dualidade de resultados poderá dever-se ao apoio, segurança e interajuda entre os casais presentes na amostra, além dos casais, crianças com pais separados também poderão demonstrar que o facto de estes mesmo não partilhando o dia-a-dia em casa, não significará que haja um menor apoio, presença e ajuda entre ex-casais e além disso, rejeita a ideia da existência de desresponsabilização do papel de pais que não detêm a guarda total dos filhos. Em adição, o facto da amostra não ser homogénea relativamente ao estado civil dos respondentes e da análise estatística ter sido realizada apenas sobre os pais casados e divorciados, poderá constituir-se como um dado pouco concreto para responder a esta hipótese.

No que tange à décima primeira hipótese “A Autoeficácia Parental varia em função da escolaridade dos pais”, não foram encontrados resultados estatisticamente significativos entre as duas variáveis mencionadas. Esta ausência de significância indica que a escolaridade dos progenitores não influencia a sua Autoeficácia Parental e não confirma a hipótese em supra.

Neste seguimento, os resultados supracitados não evidenciam as mesmas conclusões retiradas pelos autores Coleman e Karraker (2000), Ferreira e colaboradores (2014), Peacock-Chambers e colaboradores (2017), Seabra-Santos e colaboradores (2015) e Ulfsdotter e colaboradores (2014), mostram que, a variável da escolaridade pode praticar um papel mediador na Autoeficácia Parental e que um nível mais alto desta está relacionado com uma maior escolaridade. Por outro lado, há discordância entre estes no que toca aos níveis de Autoeficácia Parental, quando abordada a escolaridade materna.

Esta divergência de resultados poderá associar-se ao facto de uma maior escolarização e investimentos nos estudos não ser valorizada pelos sujeitos da amostra ou mesmo pela falta desta, isto é, a confiança nas suas próprias capacidades no desempenho da função parental e os sentimentos decorrentes da vivência de serem pais, não são afetadas por uma menor escolaridade. O facto de conseguirem proporcionar uma vida estável e segura aos seus filhos, mesmo apenas com o 12.º ano (maioria da amostra), parece ser suficiente para estes se sentirem capazes para exercer as suas funções parentais. Ademais, o facto da amostra não ser homogénea relativamente à escolaridade dos respondentes e da análise estatística ter sido realizada não distinguir pais com e sem

doutoramento, poderá constituir-se como um dado dificultador para responder a esta hipótese.

No que respeita à décima segunda hipótese “O *Stress* Parental altera em função da escolaridade dos pais”, não foram descobertos resultados estatisticamente significativos entre as duas variáveis referidas. Este resultado aponta para a ausência de domínio da escolaridade dos pais no seu *Stress* Parental e para a ausência de confirmação da presente hipótese.

Neste ponto, os resultados de Silva e Aiello (2009), que predizem que um elevado nível escolar do pai se associa a um menor *Stress* Parental, não condizem com os resultados encontrados neste estudo. Assim, a ausência de consonância de resultados poderá dever-se ao facto da amostra não ser equitativa nos diferentes níveis de escolaridade, o facto de os pais não precisarem de uma escolaridade maior para conseguirem ter um bom estilo de vida, poderem ter herdado empresas e recursos de famílias que possibilitem estabilidade, conforto financeiro e bons cargos profissionais, a ideia de maior nível de escolaridade não querer predizer, nesta amostra, uma maior posse financeira e, por isso, a ausência de níveis de *stress*.

No que toca à décima terceira hipótese “A Autoeficácia Parental varia em função da idade dos filhos”, não se encontraram resultados estatisticamente significativos, o que significa que a alteração da idade dos filhos não interfere na Autoeficácia Parental, não havendo confirmação da hipótese.

Por consequente, os estudos que confirmam a associação entre a idade dos filhos e a autoeficácia, não se encontram relacionados com os resultados obtidos neste estudo, pois, é na fase de entrada para adolescência cuja tendência é a redução da Autoeficácia Parental, salientando-se ainda a existência de uma minoração desta variável entre o período escolar (6 a 12 anos) e a adolescência (13 a 18 anos) (Ballenski & Cook, 1982; Ferreira et al., 2014; Glatz & Buchanan, 2015). Ao invés, Carless e colaboradores (2015) e Seabra-Santos e colaboradores (2015), postulam a existência de estabilidade da Autoeficácia Parental após os primeiros anos de vida dos filhos, que até a este momento, se encontra elevada. No entanto, o facto de não terem sido evidenciados resultados significativos entre as referidas variáveis, poderá representar-se pela maioria das famílias serem compostas por apenas dois filhos, ou seja, pode entender-se este número como o “ideal” para não existirem alterações nas dinâmicas familiares que diminuam a Autoeficácia Parental durante o período pandémico. Além disto, para as famílias desta amostra, a possibilidade de introdução de novas rotinas/hábitos familiares provenientes

do período de pandemia mostraram não influenciar a percepção de Autoeficácia Parental nestes progenitores com filhos mais velhos ou mais novos.

No referente à décima quarta hipótese “O Conflito Trabalho-Família varia em função da idade dos filhos”, não se encontraram resultados estatisticamente significativos, o que significa que a idade dos filhos não intervém no Conflito Trabalho-Família. Assim, não há confirmação da hipótese.

Portanto, o estudo de Quian e Fuller (2020) advogam na sua investigação que a idade dos filhos é uma variável influente no Conflito Trabalho-Família dos pais, evidenciando um nível maior em pais, principalmente mães com filhos mais novos, pois o emprego das mães cujos filhos necessitam de maior supervisão foi o mais afetado pela pandemia, aumentando assim a lacuna de género no emprego. Contrariamente, os resultados defendidos neste estudo indicam que a alteração da idade não constituiu influência no conflito. Esta oposição de dados possivelmente será explicada pelo facto de a amostra deste estudo ser caracterizada por filhos cuja idade não necessita de uma maior supervisão, mas sim, a possibilidade de presença de mais autonomia, o que permitiu que os pais conseguissem realizar as tarefas laborais e familiares equitativamente, durante o período pandémico.

No que respeita à décima quinta hipótese “O *Stress* Parental varia em função da idade dos pais”, não se descobriram resultados estatisticamente significativos na variável geral de *Stress* Parental. No entanto, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão dos Medos e Angústias, ou seja, na sua generalidade, a idade dos pais não exerce influência no *Stress* Parental, mas a presença de Medos e Angústias sim. Estando a hipótese parcialmente confirmada.

Deste modo os resultados não poderão ser associados aos encontrados por Berry e Jones (1995), pois admitem que existe relação entre a idade e o *stress* parental, sendo os pais mais velhos que apresentam menor *Stress* Parental, dado que se envolvem mais na prestação de cuidados, experienciando assim mais afetos positivos ligados à parentalidade. No entanto, o facto de surgirem resultados significativos e negativos na dimensão Medos e Angústias, indica que são os pais mais velhos que apresentam menor receio e sentimentos negativos face à parentalidade. Isto poderá indicar uma parcialidade na relação entre estudos uma vez que, no estudo de Berry e Jones (1995), são também os progenitores mais velhos que demonstram um maior ajuste parental. Esta circunstância poderá dever-se ao facto de os pais mais velhos demonstrarem mais experiência e maturidade de forma a conseguirem lidar com os acontecimentos mais ajustada e

adequadamente aos papéis parentais. Para além disto, o facto de serem os mais velhos a pressentirem mais medos e angústias poderá associar-se ao facto de estes poderem achar que o avançar da idade será um entrave para o acompanhamento na vida diária dos filhos.

No que refere à questão de investigação colocada neste estudo “A forma de trabalho dos pais (presencial, misto ou teletrabalho) varia em função da Autoeficácia Parental, do *Stress* Parental, e do Conflito Trabalho-Família durante a pandemia?” foi possível averiguar que não, a forma de trabalho durante a pandemia não exerceu influência nas variáveis mencionadas. Apesar desta ausência de confirmação, foram descobertas maiores médias nas três variáveis principais, inclusivamente nas suas dimensões no que respeita à forma de trabalho “outro”, que poderá indicar que os pais durante a pandemia puderam trabalhar tanto em casa como no seu local de trabalho ou apenas em casa, mas com tarefas laborais pontuais e presenciais. No entanto, apenas o teletrabalho assumiu médias superiores no que respeita às preocupações parentais.

Com referência a estes indicadores, juntamente com os dados descritivos recolhidos sobre o confinamento é possível perceber que como a maioria dos pais que participaram neste estudo relataram um formato laboral híbrido, que lhes permitiu, de certa forma, uma melhor gestão parental talvez por poderem estar em contacto frequente com os filhos, atendendo sempre às suas necessidades, permitindo uma monitorização mais assídua e uma proximidade imediata, que não seria capaz com o trabalho apenas presencial. Por outro lado, o facto de poderem ter a possibilidade de aceder ao trabalho não apenas remotamente, poderá ter permitido um alívio das rotinas caseiras de confinamento e a constante atenção necessária a seus filhos, que acontece quando o trabalho é remoto. Com isto, poderá colocar-se a hipótese de que o contexto laboral híbrido trará de certa forma um equilíbrio laboral e familiar para as famílias, o que facilitará a gestão das tarefas presentes em ambos os polos e, consequentemente, uma diminuição do *Stress* Parental e do Conflito entre o trabalho e a família, assumindo possivelmente níveis de Autoeficácia Parental superiores.

Por fim, após a exposição das hipóteses deste estudo, que foram ou não corroboradas pela revisão da literatura realizada anteriormente podemos inferir que: as hipóteses que testam a relação entre as variáveis principais foram parcialmente confirmadas, com exceção da hipótese existência de relação entre o *Stress* Parental e o Conflito Trabalho-Família que se encontra totalmente confirmada, ademais, as hipóteses que avaliam a existência de relação entre a Autoeficácia Parental, *Stress* Parental com o número de filhos e o *Stress* Parental em função da idade dos pais, também foram

confirmadas. Por outro lado, não foram confirmadas as hipóteses que avaliaram a relação entre as variáveis principais e o género dos pais, o Conflito Trabalho-Família e o número de filhos, a Autoeficácia Parental, *Stress* Parental e a escolaridade dos pais, o *Stress* Parental e o estado civil dos progenitores e por fim, a Autoeficácia Parental, o Conflito Trabalho-Família e o intervalo de idades dos filhos. No que respeita à questão de investigação colocada, também não foram encontrados resultados significativos entre as variáveis principais e a forma de trabalho na pandemia.

Conclusão

A influência da Autoeficácia Parental, *Stress* Parental e Conflito-Trabalho Família na pandemia *Covid-19* constitui um tópico ao qual deve ser atribuída elevada importância, tendo em conta a duração, gravidade e carácter inesperado que caracteriza a situação pandémica que todo o mundo vem atravessando. O presente estudo apresenta-se como um dos primeiros passos para analisar o efeito da pandemia na Autoeficácia Parental, *Stress* Parental e no Conflito Trabalho-Família em Portugal. Todavia, são necessários estudos adicionais, a nível nacional, que permitam aprofundar conhecimento sobre este tópico e possam apoiar cientificamente intervenções na sociedade e em particular, ao nível familiar. Dada a vasta revisão teórica internacional acerca da temática investigada, ressalva-se assim, a necessidade de investigação no nosso país.

De acordo com Prime e colaboradores (2020), os efeitos do isolamento e confinamento domiciliários decorrentes da crise da *Covid-19* causam mudanças profundas nas rotinas e rituais familiares, que anteriormente se tinham como garantidas. Assim, vão surgindo necessidades que têm de ser trabalhadas, como o reajustamento de expectativas e crenças e o estabelecimento de novos limites e hábitos pessoais e familiares. Nomeadamente, em famílias com filhos ou figuras que desempenham funções de pais, o confinamento inclui ter de cuidar dos filhos, educá-los, enquanto continuam a desempenhar as suas funções laborais. No entanto, em situações de crise, torna-se mais saliente, podendo prejudicar o bom funcionamento familiar e das crianças (Spinelli et al., 2020), contaminar a saúde física, segurança e bem-estar-económico (Brooks et al., 2020; Chung et al., 2020a; Doyle, 2020), do mesmo modo que também permite às famílias estabelecerem rotinas que, anteriormente, não eram possíveis, devido a demandas conflitantes (Brock, & Laifer, 2020). Assim como, parece exercer influência no *stress* sentido pelos pais quando se fala no processo de parentalidade, na influência da esfera

laboral no seio familiar Schieman e outros (2021) e, na capacidade de os pais gerirem positivamente as tarefas parentais que afetam o desenvolvimento infantil (Coleman & Karraker, 1998; Jones & Prinz, 2005).

Neste âmbito, os resultados encontrados neste estudo apontam para relações significativas entre o *Stress* Parental e o Conflito Trabalho-Família, assim como evidenciam resultados parciais nas restantes variáveis principais, ou seja, há indicadores de que existe relação entre o *Stress* Parental e a Autoeficácia Parental e entre a Autoeficácia Parental e o Conflito Trabalho-Família no decorrer da pandemia, através das relações identificadas entre as dimensões das supramencionadas variáveis principais. Este estudo aponta ainda resultados significativos na interação entre o número de filhos e a Autoeficácia e *Stress* Parental, assim como a idade dos pais evidencia variação no *Stress* Parental. Em particular, os resultados deste estudo alertam para a necessidade de profissionais, como o(a) Psicólogo(a), estarem atentos às dificuldades apresentadas por pais que experienciaram níveis mais elevados de *stress*, perceção diminuta da sua autoeficácia enquanto pais e da presença da esfera laboral em contexto pandémico. Por isto, alerta-se para o possível efeito que estas variáveis poderão espelhar nos seus filhos a vários níveis e, no seio familiar.

Apesar dos contributos deste estudo, vale identificar algumas limitações. Em primeiro lugar, apesar do número de participantes ter ultrapassado o mínimo recomendável, reconhece-se a necessidade de alargar o espectro de participantes, não apenas em relação ao número da amostra, como também à distribuição geográfica. Em segundo lugar, o facto de serem medidas de autorrelato, podem diminuir a expressividade e a capacidade do participante se posicionar na sua opinião/experiência, juntamente com o carácter *online* que não invalida que o sujeito tenha respondido de forma aleatória e irrefletida. Em terceiro lugar, considera-se que poderia ter sido pertinente questionar os participantes se a sua situação laboral se alterou com a chegada da pandemia, ou seja, se existiram situações de desemprego, assim como, assinalar a discrepância do número de participantes “mães” comparativamente aos participantes “pais”. Em quarto lugar, o carácter transversal deste estudo pode não ser suficiente para avaliar os efeitos da pandemia *Covid-19* entre diversas famílias. Por último, o facto de existirem, na sua maioria, estudos internacionais condiciona a generalização e aplicabilidade deste estudo no contexto português.

Como principais sugestões para investigações no futuro, sugere-se a realização de um estudo prospetivo longitudinal, que permita o acompanhamento das famílias desde o

momento da recolha de dados até ao fim da pandemia, com ressalva das consequências que poderão advir dos confinamentos sucessivos e dos anos pandémicos. Considera-se importante redirecionar o foco do estudo para a influência da pandemia nas famílias, mais concretamente, na visão das crianças, de forma a prevenir possíveis implicações da dificuldade parental a lidar com situações, como a pandemia. Finalmente, incentivamos o trabalho adicional sobre as circunstâncias particulares dos pais solteiros com o impacto da pandemia na sua Autoeficácia e no *Stress* Parental. Já na vertente de material para investigação, julga-se pertinente poder realizar um estudo psicométrico aprofundado do questionário sociodemográfico acerca da fase pandémica construído para o estudo e cujas propriedades psicométricas se evidenciaram como adequadas para investigação. Neste seguimento, acredita-se que este instrumento poderá ajudar a perceber e a estudar a perceção do confinamento nas famílias.

No que diz respeito às implicações do presente estudo para a prática do(a) Psicólogo(a) da Educação, pondera-se que os resultados obtidos podem ser tidos em conta na intervenção direta e indireta. De acordo com os resultados obtidos, revê-se a necessidade de prestar auxílio às crianças, através do trabalho direto com os pais, de forma a colmatar as dificuldades originadas pela pandemia na parentalidade e na esfera laboral. O medo, insegurança e ser mantido em casa para retardar a propagação da *Covid-19* tornaram difícil para as famílias manterem uma sensação de calma. Mas ajudar as crianças a sentirem-se seguras, manter rotinas saudáveis, controlar as suas ações e potenciar a resiliência é crucial (Raj & Appu, 2021). A necessidade do desenvolvimento de programas de intervenção de carácter sistémico/familiar de apoio às famílias a saber lidar com o *stress*, na potenciação da Autoeficácia Parental, assim como a saber gerir as novas exigências que profissionalmente foram impostas (Streelakshmi et al., 2021). De acordo com a perspetiva da atuação dos psicólogos da educação, revê-se importante a dinamização de intervenções preventivas de possíveis sintomatologias depressivas e ansiogénicas, tanto nos pais, como nos filhos (Brown et al., 2020).

Ao nível da intervenção indireta, urge sensibilizar profissionais de saúde para a importância do despiste e encaminhamento de sintomatologias referidas infra, assim como dos profissionais de educação, como educadores de infância e professores para focarem a sua atenção na existência de comportamentos disruptivos (a nível comportamental, emocional, académico, motivacional) por parte dos alunos e do envolvimento parental no seu percurso académico. Assim, a intervenção nestes contextos permite uma proximidade e uma atuação integrada com diversas figuras educativas que

conduzirão a uma melhor qualidade da resposta educativa. A atuação do Psicólogo(a) da Educação nas escolas favorece a colaboração entre os diferentes agentes educativos, estruturas e serviços da comunidade, facilitando a prestação de serviços compreensivos e integrados a alunos e famílias, potencialmente mais eficientes e eficazes (Direção-Geral da Educação [DGE], 2016).

Referências Bibliográficas

- Abidin, R. (1992). The determinants of parenting behavior. *J. Clin. Child Psychol*, 21(4), 407–412. https://doi.10.1207/s15374424jccp2104_12
- Abidin, R. (1995). Parenting stress index (3rd ed.). Odessa, FL: Psychology Resources.
- Alarcão, M. (2006). (Des) equilíbrios familiares. Editora Quarteto. <http://hdl.handle.net/10849/34>
- Albanese, A., Russo, G., & Geller, P. (2019). *The Role of Parental Self-Efficacy in Parent and Child Wellbeing: A Systematic Review of Associated Outcomes*. *Child: Care, Health and Development*. 45(3), 333-363. <https://doi.org/10.1111/cch.12661>
- Allen, T., French, K., Dumani, S., & Shockley, K. (2020). A cross-national meta-analytic examination of predictors and outcomes associated with work–family conflict. *Journal of Applied Psychology*, 105(6), 539–576. <https://doi.org/10.1037/apl0000442>
- Anderson, O. (2006). *Linking work stress, parental self-efficacy, ineffective parenting, and youth problem behavior* [Tese de Doutorado]. Universidade de Tennessee. https://trace.tennessee.edu/utk_graddiss/1632
- Andrada, E., Belling, G., Benetti, I., & Rezena, B. (2009). Prontidão Escolar e Estresse Parental. *Revista Eletrônica Internacional de la Unión Latino americana de Entidades de Psicología*, 18. <http://psicolatina.org/18/prontitud.html>
- Ballenski, C., & Cook, A. (1982). Mothers' perceptions of their competence in managing selected parenting tasks. *Family Relations: An Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies*, 31(4), 489-494. <https://doi.org/10.2307/583923>
- Baltes, B., Clark, M., & Chakrabarti, M. (2010). Work-life balance: The roles of work-family conflict and work-family facilitation. *Oxford Handbooks Online*, 1-23. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195335446.013.0016>
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 84 (2), 191-215. <https://doi.10.1037/0033-295X.84.2.191>
- Bandura, A. (1989). Regulation of cognitive processes through perceived self-efficacy. *Developmental Psychology*, 25 (5), 729-735. <https://doi.10.1037/00121649.25.5.729>
- Bandura, A., Caprara, G. V., Barbaranelli, C., Regalia, C., & Scabini, E. (2011). Impact of Family Efficacy Beliefs on Quality of Family Functioning and Satisfaction with

- Family Life. *Applied Psychology: An International Review*, 60(3), 421-448.
<https://doi.10.1111/j.1464-0597.2010.00442.x>
- Berry, J., & Jones, W. (1995). The Parental Stress Scale: Initial psychometric evidence. *Journal of social and Personal Relationships*, 12(3), 463-472.
<https://doi.10.1177/0265407595123009>
- Bøe, T., Serlachius, A. S., Sivertsen, B., Petrie, K. J., & Hysing, M. (2018). Cumulative effects of negative life events and family stress on children's mental health: *The Bergen Child Study. Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 53(1), 1-9.
<https://doi.org/10.1007/s00127-017-1451-4>
- Bornstein, L., & Bornstein, M. (2007). Parenting Styles and Child Social Development. *Encyclopedia on early Childhood Development*. <http://www.child-encyclopedia.com/en-ca/home.html>
- Boyar, S., Carr, J., Mosley, D., & Carson, C. (2007). The development and validation of scores on perceived work and family demand scales. *Educational and Psychological Measurement*, 67(1), 100-115
<https://doi.org/10.1177/0013164406288173>
- Brites, R. & Nunes, O. (2010). Uma nova escala de autoeficácia parental: estudos sobre validação. In C. Nogueira, I. Silva, L. Lima, A. T. Almeida, R. Cabecinhas, R. Gomes, C. Machado, A. Maia, A. Sampaio & M.C. Taveira (Eds). *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp.553-567). Retirado de: <http://www.actassnip2010.com>
- Brites, R., Nunes, O., & Martins, M. (2011). Escala de autoeficácia parental: validação e estudos metodológicos. In Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/XV Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos (pp. 743- 759). Sociedade Portuguesa de Psicologia.
<http://hdl.handle.net/11144/2667>
- Brock, R. L., & Laifer, L. M. (2020). Family science in the context of the COVID-19 pandemic: Solutions and new directions. *Family Process*, 59(3), 1007-1017.
[10.1111/famp.12582](https://doi.org/10.1111/famp.12582)
- Brooks, S., Webster, K., Smith, E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., et al. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *Lancet*. 395:912-920.

- Brown, S., Doom, J., Lechuga-Peña, S., Watamura, S., Koppels, T. (2020). Stress and parenting during the global COVID-19 pandemic. *Child Abuse & Neglect*, 110(2), 1-14. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104699>
- Calvo-Salguero, A., Martínez-de-Lecea, J., & Aguilar-Luzón, M. (2012). Gender and work-family conflict: Testing the rational model and the gender role expectations model in the panish cultural context. *International Journal of Psychology*, 47(2), 118-132. <https://doi.org/10.1080/00207594.2011.595414>
- Caprara, G., Regalia, C., Scabini, E., Barbaranelli, C., & Bandura, A. (2004). Assessment of Filial, Parental, Marital, and Collective Family Efficacy Beliefs. *European Journal of Psychological Assessment*, 20(4), 247-261. <https://doi.org/10.1027/1015-5759.20.4.247>
- Carless, B., Melvin, G. A., Tonge, B. J., & Newman, L. K. (2015). The role of parental self-efficacy in adolescent school-refusal. *Journal of Family Psychology*, 29(2), 162-170. <https://doi.org/10.1037/fam0000050>
- Carlson, D., Kacmar, K., & Williams, L. (2000). Construction and initial validation of a multidimensional measure of work–family conflict. *Journal of Vocational Behavior*, 56(2), 249–276. <https://doi.org/10.1006/jvbe.1999.1713>
- Carver, C. S., & Connor-Smith, J. (2010). Personality and coping. *Annual Review of Psychology*, 1(61), 679-704. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.093008.100352>
- Chung, C., Lanier, P., & Ju, P. (2020a). Associations between work-family balance, parenting stress, and marital conflicts during COVID–19 pandemic in Singapore. *OSF Preprints*. <https://doi.org/10.31219/osf.io/nz9s8>
- Chung, G., Lanier, P., & Ju, P. (2020b). Mediating effects of parental stress on harsh parenting and parent-child relationship during coronavirus (COVID-19) pandemic in Singapore. *Journal of Family Violence*, 37(5), 801–812. <https://doi.org/10.1007/s10896-020-00200-1>
- Cinamon, R., Weisel, A., & Tzuk, K. (2007). Crossover Effects, Perceived Parent– Child Interaction Quality, Parental Self-Efficacy, and Life Role Attributions. *Journal of Career Development*, 34 (1), 79-100. <https://doi.org/10.1177/0894845307304066>
- Coleman, P. K., Trent, A., Bryan, S., King, B., Rogers, N., & Nazir, M. (2002). Parenting behavior, mothers' self-efficacy beliefs, and toddler performance on the Bayley Scales of Infant Development. *Early Child Development and Care*, 172(2), 123-140. <https://doi.org/10.1080/03004430210888>

- Coleman, P., & Karraker, K. (2000). Parenting self-efficacy among mothers of school-age children: Conceptualization, measurement, and correlates. *Family Relations: An Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies*, 49(1), 13- 24. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2000.00013.x>
- Costa, C. (2011). *Indutores do stress parental* [Dissertação de mestrado, Universidade Fernando Pessoa]. Repositório Fernando Pessoa. http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1977/1/DM_13655.pdf
- Costa, M., & Faria, L. (2015). Crenças de autoeficácia parental e de eficácia coletiva da família de pais de adolescentes: mudança ou estabilidade? *Psicologia, Educação e Cultura*, 19(1), 133-145. Retirado de <https://psycnet.apa.org/record/2016-53184-008>
- Crnic, K., & Low, C. (2002). *Everyday stresses and parenting*. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Practical issues in parenting* (p. 243–267). Lawrence Erlbaum Associates Publishers. https://www.researchgate.net/publication/232498354_Everyday_stresses_and_parenting
- Crnic, K., & Ross, E. (2017). Parenting stress and parental efficacy. In K. Deater-Deckard & R. Panneton (Eds.), *Parental stress and early child development* (pp. 263–284). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-55376-4_11
- Cronin, S., Becher, E. H., Christians, K. S., Maher, M., & Dibb, S. (2015). Parents and Stress: Understanding Experiences, *Context and Responses*. *Children, Youth & Family Consortium*, 1-17. Minnesota.
- Direção-Geral da Educação (2016). *Referencial técnico para os psicólogos escolares*. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Psicologia/referencial_consulta_publica_dez2016.pdf
- Doyle, O. (2020). COVID-19 Exacerbating educational inequalities. *Public Policy*, 1-10.
- Dumka, L. E., Gonzales, N. A., Wheeler, L. A., & Millsap, R. E. (2010). Parenting self-efficacy and parenting practices over time in Mexican American families. *Journal of Family Psychology*, 24(5), 522-531. <https://doi.org/10.1037/a0020833>
- Eby, L., Casper, W., Lockwood, A., Bordeaux, C., & Brinley, A. (2005). Work and family research in IO/OB: Content analysis and review of the literature (1980–2002). *Journal of Vocational Behavior*, 66(1), 124–197. [10.1016/j.jvb.2003.11.003](https://doi.org/10.1016/j.jvb.2003.11.003)

- Erdwins, C., Buffardi, L., Casper, W., & O'Brien, A. (2001). The relationship of women's role strain to social support, role satisfaction, and self-efficacy. *Family Relations*, 50 (3), 230-239. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2001.00230.x>
- Farewell, C., Jewell, J., Walls, J., & Leiferman, J. (2020). *A Mixed-Methods Pilot Study of Perinatal Risk and Resilience During COVID-19*. *Journal of Primary Care & Community Health*, 11(2), 1-8. <https://doi.org/10.1177/2150132720944074>
- Ferreira, B., Monteiro, L., Fernandes, C., Cardoso, J., Veríssimo, M., & Santos, A. J. (2014). Percepção de Competência Parental: Exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de autoeficácia, numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica*, 32(2), 145-156. <https://doi.org/10.14417/ap.854>
- Figuerola, A., Aburto, M., & Acevedo, R. (2012). Work-Family Conflict, Parental Efficacy and Perceived Parenting Styles In Fathers And Mothers from the City of Talca, Chile. *Colombiana de Psicología*, 15(1), 57-65. <https://psycnet.apa.org/record/2012-29599-006>
- Fortin, M., Côté, L., & Filton, F. (2009). Fundamentos e etapas do processo de investigação. Loures: Lusodidact
- Fried, Y., Melamed, S., & Ben-David, H. A. (2002). The joint effects of noise, job complexity, and gender on employee sickness absence: An exploratory study across 21 organizations-The CORDIS study. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 75(2), 131–144. <https://doi.org/10.1348/09631790260098181>
- Frone, M., Russell, M., & Cooper, M. (1992). Antecedents and outcomes of work–family conflict: Testing a model of the work–family interface. *Journal of Applied Psychology*, 77(1), 65–75. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.77.1.65>
- Gallacher, G., & Hossain, I. (2020). “Remote Work and Employment Dynamics under COVID-19: Evidence from Canada.” *Canadian Public Policy/Analyse de Politiques*, 46(1), 44–54. <https://doi.org/10.3138/cpp.2020-026>
- Gecas, V. (1989). The social psychology of self-efficacy. *Annual Review of Sociology*, 15(1), 291–316. <https://doi.org/10.1146/annurev.so.15.080189.001451>
- Glatz, T., & Buchanan, C. (2015). Change and predictors of change in parental self-efficacy from early to middle adolescence. *Developmental Psychology*, 51(10), 1367- 1379. <https://doi.org/10.1037/dev0000035>

- Greenhaus, J. H., & Powell, G. N. (2006). When work and family are allies: A theory of workfamily enrichment. *Academy of Management Review*, 31(1), 72-92. <https://doi.org/10.5465/AMR.2006.19379625>
- Greenhaus, J., & Beutell, N. (1985). "Sources of Conflict between Work and Family Roles." *Academy of Management Review*, 10(1), 76–88. <https://doi.org/10.2307/258214>
- Grusec, J., Hastings, P., & Mammone, N. (1994). Parenting cognitions and relationship schemas. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 1994(66), 5-19. <https://doi.org/10.1002/cd.23219946603>
- Guerrero, J. (2003). Los roles no laborales y el estrés en el trabajo. *Revista Colombiana de Psicología*, 12, 73-84. <https://www.redalyc.org/pdf/804/80401207.pdf>
- Günther-Bel, C., Vilaregut, A., Carratala, E., Torras-Garat, S., & Pérez-testor, C. (2020). A mixed-method study of individual, couple, and parental functioning during the state-regulated COVID-19 lockdown in Spain. *Family Process*, 59(3), 1060–1079. <https://doi.org/10.1111/famp.12585>
- Hill, E. J. (2005). Work-family facilitation and conflict, working fathers and mothers, work-family stressors and support. *Journal of Family Issues*, 26(6), 793-819. <https://doi.org/10.1177/0192513X05277542>
- Jones, T., & Prinz, J. (2005). Potential roles of parental self-efficacy in parent and child adjustment: A review. *Clinical Psychology Review*, 25(3), 341-363. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2004.12.004>
- Landivar, L., Leah, R., Scarborough, W., & Collins, C. (2020). Early Signs Indicate That COVID-19 Is Exacerbating Gender Inequality in the Labor Force. *American Sociological Association*, 6, 1-3. <https://doi.org/10.1177/2378023120947997>
- Lin, W., Chen, L. H., & Li, T. (2016). Are “we” good? A longitudinal study of we-talk and stress coping in dual-earner couples. *Journal of Happiness Studies*, 17(2), 757-772. <https://doi.org/10.1007/s10902-015-9621-0>
- Marchetti, D., Mazza, C., Fontanesi, L., & Giandomenico, S. (2020). Parenting-related exhaustion during the Italian COVID-19 lockdown. *Journal of Pediatric Psychology*, 45(10), 1–10. <https://doi.org/10.1093/jpepsy/jsaa093>
- Martins, C. (2008). *Satisfação parental e impacto familiar: contribuição para a validação de dois instrumentos* [Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada]. Repositório ISPA. <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/669>

- Meunier, J., & Roskam, I. (2009). Self-efficacy beliefs amongst parents of young children: Validation of a self-report measure. *Journal of Child and Family Studies*, 18(5), 495- 511. <https://doi.org/10.1007/s10826-008-9252-8>
- Mikolajczack, M., Brainda, M., Avalosse, H., & Roskam, I. (2018). Consequences of parental burnout: Its specific effect on child neglect and violence. *Child Abuse and Neglect*, 80, 134-145. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.03.025>
- Miranda, V. (2011). Cooking, caring and volunteering: Unpaid work around the world. *OECD Social, Employment and Migration Working Papers*, 116. <https://doi.org/10.1787/5kghrjm8s142-en>
- Mixão, M. (2007). Comportamentos parentais e Recurso às Urgências Pediátricas: Estudo do stresse Parental, Perceção de Vulnerabilidade Infantil e Esforço Económico Familiar [Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada]. Repositório ISPA. <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/702/1/DM%20MIXA1.pdf>
- Mixão, M., Leal, I., & Maroco, J. (2007). Escala de Stress Parental. In I. Leal (Ed.). *Avaliação em Sexualidade e Parentalidade*, 199-210. Porto: Livpsic
- Morelli, M., Cattelino, E., Baiocco, R., Trumello, C., Babore, A., Candelori, C., & Chirumbolo, A. (2020). Parents and Children During the COVID-19 Lockdown: The Influence of Parenting Distress and Parenting Self-Efficacy on Children's Emotional Well-Being. *Frontiers in Psychology*, 11, 1-10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.584645>
- Moscardino, U., Dicataldo, R., Roch, M., Carbone, M., & Mammarella, I. (2021). Parental stress during COVID-19: A brief report on the role of distance education and family resources in an Italian sample. *Current Psychology*, 40,10-13. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-01454-8>
- Moura-Ramos, M., & Canavarro, M. (2007). Adaptação parental ao nascimento de um filho: Comparação da reatividade emocional e psicossintomatologia entre pais e mães nos primeiros dias após o parto e oito meses após o parto. *Análise Psicológica*, 3(25), 399-413. <https://doi.org/10.14417/ap.453>
- Ngai, F., & Chan, S. (2011). Psychosocial factors and maternal wellbeing: An exploratory path analysis. *International Journal of Nursing Studies*, 48(6), 725–731. <https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2010.11.002>

- Ngai, F., & Ngu, S. (2013). Quality of life during the transition to parenthood in Hong Kong: a longitudinal study. *Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology*, 34(4), 157–162. <https://doi.org/10.3109/0167482x.2013.852534>
- Peacock-Chambers, E., Justin, M., Necastro, K., Cabral, H., & Bair-Merritt, M. (2017). The Influence of Parental Self-Efficacy and Perceived Control on the Home Learning Environment of Young Children. *Academic Pediatrics*, 17(2), 176-183. <https://doi.org/10.1016/j.acap.2016.10.010>
- Pereira, A., Vieira, J., & Matos, M. (2017). Interface trabalho-família, vinculação romântica e parentalidade. *Análise Psicológica*, 1(305), 73-90. <https://doi.org/10.14417/ap.1071>
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., & Costa, I. (2010). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 4(28), 565-580. <https://doi.org/10.14417/ap.375>
- Ponnet, K., Wouters, E., Mortelmans, D., Pasteels, I., Backer, C., Van Leeuwen, K., & Van Hiel, A. (2013). The influence of mothers' and fathers' parenting stress and depressive symptoms on own and partner's parent-child communication. *Family Process*, 52(2), 312 – 324. <https://doi.org/10.1111/famp.12001>
- Prime, H., Wade, M., & Browne, D. (2020). Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic. *American Psychologist*, 75(5), 631–643. <https://doi.org/10.1037/amp0000660>
- Putnick, D., Bornstein, M., Hendricks, C., Painter, K., Suwalsky, J., e Collins, W. (2008). Parenting Stress, Perceived Parenting Behaviors, and Adolescent Self-Concept in European American Families. *Journal of family psychology: JFP: journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association*, 22(5), 752–762. <https://doi.org/10.1037/a0013177>
- Qian, Y., & Fuller, S. (2021). Covid-19 and The Gender Gap in Employment Among Parents of Young Children in Canada. *Gender & Society*, 20(10), 1-12. <https://doi.org/10.1177/08912432211001287>
- Radanović, A., Micić, I., Pavlović, S., & Krstić, K. (2021). Pandemic Parenting: Predictors of Quality of Parental Pandemic Practices during COVID–19 Lockdown in Serbia. *Psihologija*, 54(3), 323-345. <https://doi.org/10.2298/PSI200731040R>
- Raj, A., & Appu, A. (2021). Work Family Conflict And Parental Self Efficacy Of Employed Parents On Covid Phase. *International Journal of Scientific and*

Research Publications, 11 (3), 495-502.
<https://doi.org/10.29322/IJSRP.11.03.2021.p11170>

- Relvas, A. P., & Lourenço, M. C. (2001). Uma abordagem familiar da gravidez e da maternidade: Perspectiva sistémica. In M. C. Canavarro, (Coord.), *Psicologia da gravidez e da maternidade* (pp. 105-160). Coimbra: Quarteto.
- Rocha, C. (2012). *Stress parental em pais de crianças hospitalizadas: influência de variáveis socio demográficas e clínicas* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Saúde de Viseu]. Repositório IPV
<http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/1526>
- Rudolph, C., Clark, M., Hertel, G., Hirschi, A., Kunze, F., Shockley, K., et al. (2020). “Pandemics: Implications for Research and Practice in Industrial and Organizational Psychology.” *Industrial and Organizational Psychology*. 1-81.
<https://www.researchgate.net/publication/341577066>
- Sahithya, B. R., Kashyap, R. S., & Roopesh, B. N. (2020). Perceived stress, parental stress, and parenting during covid-19 lockdown: A preliminary study. *Journal of Indian Association for Child and Adolescent Mental Health*, 16(4), 44–63.
<https://doi.org/10.1177/0973134220200404>
- Santos, S. (2015). *Conflito trabalho-família e stresse profissional: Estudo com uma amostra do setor da administração pública*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa.
<http://hdl.handle.net/10451/23534>
- Santos, V. (2008). *Stress parental e práticas parentais em mães de crianças com perturbação de hiperatividade com défice de atenção* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa.
<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/695>
- Schieman, S., & Badawy, P. (2020). “The Status Dynamics of Role Blurring in the Time of COVID-19.” *Socius*. 6, 1-14. <https://doi.org/10.1177/2378023120944358>
- Schieman, S., Badawy, P., Milkie, M., & Bierman, A. (2021). Work-Life Conflict during the Covid-19 pandemic. *American Sociological Association*, 7, 1-19.
<https://doi.org/10.1177/2378023120982856>
- Schmidt, A., Kramer, A. C., Brose, A., Schmiedek, F., & Neubauer, A. (2020). Homeschooling and affective well-being of parents and children during the COVID-19 pandemic: A daily diary study. *PsyArXiv*.
<https://doi.org/10.31234/osf.io/sntxz>.

- Seabra-Santos, M. J., Major, S., Pimentel, M., Gaspar, M. F., Antunes, N., & Roque, V. (2015). Escala de Sentido de Competência Parental (PSOC): estudos psicométricos. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 14(1), 97-106. <https://doi.org/10.15689/ap.2015.1401.11>
- Silva, A. (2012). *Fatores preditivos do stress parental* [Dissertação de mestrado, não publicada, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório Instituto Superior Miguel Torga. <http://dspace.ismt.pt/xmlui/handle/123456789/106>
- Silva, N., & Aiello, A. (2009). Análise descritiva do pai da criança com deficiência mental. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26(4), 493-503. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000400010>
- Slan - Jerusalem, R. & Chen, C. (2009). Work - Family Conflict and Career Development Theories: A Search for Helping Strategies. *Journal of Counseling & Development*, 87(4), 492- 499. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6678.2009.tb00134.x>
- Spinelli, M., Lionetti, F., Pastore, M., & Fasolo, M. (2020). Parents' Stress and Children's Psychological Problems in Families Facing the COVID-19 Outbreak in Italy. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01713>
- Sreelakshmi, M., Athira, K., & Sannet, T. (2021). Parental stress among parents during covid-19 pandemic. *International Journal of Creative Research Thoughts*, 9(1), 1201-1205. <https://www.researchgate.net/publication/348418189>
- Stack, D. M., Serbin, L. A., Enns, L. N., Ruttelle, P. L., and Barrieau, L. (2010). Parental effects on children's emotional development over time and across generations. *Infants Young Child*, 23(1), 52–69. <https://doi.org/10.1097/IYC.0b013e3181c97606>
- Stainback, K., Hearne, B., & Trieu, M. (2020). “COVID-19 and the 24/7 News Cycle: Does COVID19 News Exposure Affect Mental Health?” *Socius*, 6, 1-15. <https://doi.org/10.1177/2378023120969339>
- Streelakshmi, M., Athira, K., & Thomas, S. (2021). Parental stress among parents during COVID-19 pandemic. *International journal of creative research thoughts*, 9(1), 1201-1205. https://www.researchgate.net/publication/348418189_parental_stress_among_parents_during_covid-19_pandemic
- Szelbracikowski, A., e Dessen, M. (2007). Externalized Behavior Problems and Family Relationships: A Review of the Literature. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 33 – 40. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000100005>.

- Thorell, L., Skoglund, C., de la Peña, A. G., Baeyens, D., Fuermaier, A., Groom, M., et al. (2021). Parental experiences of homeschooling during the COVID-19 pandemic: Differences between seven European countries and between children with and without mental health conditions. *European Child and Adolescent Psychiatry*. <https://doi.org/10.1007/s00787-020-01706-1>.
- Ulfsdotter, M., Enebrink, P., & Lindberg, L. (2014). Effectiveness of a universal health-promoting parenting program: a randomized waitlist-controlled trial of All Children in Focus. *BMC public health*, 14(1), 1083-1094. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-14-1083>
- Valk, R., & Srinivasan, V. (2011). Work family balance of Indian women software professionals: A qualitative study. *IIMB Management Review*, 23(1), 39–50. <https://doi.org/10.1016/j.iimb.2010.10.010>
- Vieira, J., Ávila, M., & Matos, P. (2012). Attachment and Parenting: The mediating role of work-family balance in portuguese parents of preschool children. *Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies*, 61(1), 31-50. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2011.00680.x>
- Vieira, J., Lopez, F., & Matos, P. (2014). Further Validation of Work–Family Conflict and Work–Family Enrichment Scales Among Portuguese Working Parents. *Journal of Career Assessment*, 22(2), 329-344. <https://doi.org/10.1177/1069072713493987>
- Vieira, J., Matias, M., Ferreira, T., Lopez, F., & Matos, P. (2016). Parents’ workfamily experiences and children’s problem behaviors: The mediating role of the parent–child relationship. *Journal of Family Psychology*, 30(4), 419-430. <https://doi.org/10.1037/fam0000189>
- Wang, G., Zhang, Y., Zhao, J., Zhang, J., & Jiang, F. (2020). Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. *Lancet*, 395, 945–947. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30547-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30547-X)
- Xue, A., Oros, V., Marca-Ghaemmaghami, P., Scholkmann, F., Righini-Grunder, F., Natalucci, G., Karen, T., Bassler, D., & Restin, T. (2021). New Parents Experienced Lower Parenting Self-Efficacy during the COVID-19 Pandemic Lockdown. *Children*, 8 (2), 1-11. <https://doi.org/10.3390/children8020079>

ANEXOS

Anexo 1- Cronograma de atividades

Atividades	Datas
Revisão de literatura	março de 2021 a abril de 2021
Escrita científica acerca da literatura encontrada	abril de 2021 a maio de 2021
Preparação do estudo empírico	maio de 2021 a junho de 2021
Período de recolha de dados	outubro de 2021 a dezembro de 2021
Elaboração da base de dados	janeiro de 2022
Estudo aprofundado de análises estatísticas	fevereiro de 2022
Análises estatísticas dos dados recolhidos	fevereiro de 2022
Discussão de resultados	março de 2022 a abril de 2022
Reflexão sobre as principais conclusões e principais implicações do estudo para a prática	julho de 2022



Anexo 2- Questionário Sociodemográfico

Este questionário tem como objetivo principal fazer o levantamento de alguns aspetos relevantes. Faz parte de uma investigação que visa estudar a relação entre a autoeficácia parental, o *stress* parental e o conflito trabalho-família durante a pandemia Covid-19, realizada no âmbito da dissertação de Mestrado, na Universidade Católica Portuguesa de Braga. Deve ser preenchido com rigor e honestidade, juntamente com os instrumentos que se seguem. Os dados são confidenciais e anónimos e por isso não deve escrever o seu nome em nenhum lugar. Não há respostas certas nem respostas erradas, existem apenas as suas respostas.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Idade: _____

Género: F ☐ M ☐

Número de filhos: _____

Idade do(s) filho(s): _____

Estado Civil:

☐ Casado/a ☐ Solteiro/a ☐ Divorciado/a ☐ União de facto

Escolaridade:

☐ 9.º ano de escolaridade ou menos ☐ 12.º ano de escolaridade

☐ Licenciatura ☐ Mestrado ☐ Doutoramento

Profissão: _____

Forma de trabalho durante a pandemia

☐ Teletrabalho ☐ Presencial ☐ Ambos

Acerca da sua experiência durante a pandemia:

	Sim	Não
1. Existiram diferenças nos seus rendimentos económicos neste período?		
2. A forma de trabalho foi alterada (teletrabalho, presencial e/ou misto)?		
3. Sentiu dificuldade em acompanhar os seus filhos nas tarefas escolares?		
4. Sentiu-se sobrecarregado durante o confinamento?		
5. Existiram diferenças na carga horária laboral durante o confinamento?		
6. Sentiu dificuldade em articular as tarefas domésticas com as tarefas laborais?		
7. Houve mudanças no relacionamento com o(s) seu(s) filho(s)?		
8. Conseguiu ter tempo para realizar as suas tarefas pessoais?		
9. Precisou de ajuda exterior para realizar as tarefas domésticas?		
10. Sentiu que as tarefas domésticas interferiram nas tarefas laborais e vice-versa?		
11. Sentiu que o(s) seu(s) filho(s) precisou de mais atenção e apoio da sua parte durante o confinamento?		
12. Houve alteração na sua dinâmica familiar com o confinamento?		
13. Sentiu-se mais sobrecarregado(a) por falta de apoios?		
14. Sentiu mais ansiedade durante esta fase?		
15. Percecionou o confinamento como uma situação que lhe gerasse mais <i>stress</i> e preocupações?		

Anexo 3- Escala de Autoeficácia Parental
(Brites, 2010)

Para todas as afirmações descritas em baixo, vai encontrar seis opções de resposta, que variam entre **o 1 que corresponde ao concordo totalmente e o 6 que corresponde ao discordo totalmente**. Por favor, responda a todas as alíneas o melhor que puder. Todas as suas respostas serão confidenciais.

Disponibilidade Emocional	1	2	3	4	5	6
1. Mesmo quando tenho um dia invulgarmente stressante, penso que o meu filho(a) sabe que estou disponível para as suas necessidades emocionais.						
2. Acredito que conheço bem as necessidades do meu filho (a) e que ele se sente seguro e aceite.						
3. Quando o meu filho(a) precisa de mim, sou capaz de colocar de parte qualquer outra coisa para estar com ele(a).						
4. é difícil estar sempre disponível para oferecer o conforto que o meu filho(a) precisa para lidar com as frustrações e medos do dia-a-dia.						
5. Oferecer conforto físico ao meu filho (a) é fácil para mim.						
6. Normalmente estou disposta(o) a parar o que estou a fazer e abraçar o meu filho(a) quando este parece precisar de afeto.						
7. Normalmente estou demasiadamente ocupada com os meus problemas para conseguir acompanhar as alterações emocionais do meu filho(a).						

Responsividade Empática	1	2	3	4	5	6
8. Sou capaz de perceber quando o meu filho(a) começa a ficar angustiado(a).						
9. O meu filho(a) sabe que eu percebo quando os seus sentimentos estão feridos.						
10. Penso que o meu filho(a) percebe, através do meu comportamento quanto o adoro.						
11. O meu filho(a) sente-se muito amado(a) por mim.						
12. Penso que sou tolerante e compreensiva quando o meu filho(a) mostra emoções negativas.						
13. Fico muito angustiado quando o meu filho(a) não está de bom humor.						
14. Definitivamente respondo aos meus deveres parentais quando isso implica oferecer apoio emocional ao meu filho(a).						
15. Quando o meu filho(a) tem um problema sabe o (a) irei querer ajudar.						

Para todas as afirmações descritas em baixo, vai encontrar seis opções de resposta, que variam entre o **1 que corresponde ao concordo totalmente** e o **6 que corresponde ao discordo totalmente**.

Proteção	1	2	3	4	5	6
16. Oferecer um ambiente seguro e livre ao meu filho(a)						
17. Sinto que reagiria bem se surgisse uma emergência em que o bem-estar físico do(a) meu filho(a) estivesse em perigo.						
18. Quando deixo o meu filho(a) ao cuidado de outra pessoa, certifico-me de que essa pessoa será capaz de protegê-lo(a) para não se magoar.						
19. A disposição da minha casa está feita para evitar o maior número possível de acidentes com o meu filho(a).						
20. S ou muito boa a nunca deixar o meu filho(a) desacompanhado(a).						
21. Certifico-me sempre que consigo ver o meu filho(a) de forma a garantir que se não se vai magoar.						
22. Tenho dificuldade em determinar o que é e o que não é seguro o meu filho(a) fazer.						

Disciplina/ Estabelecimento de Limites	1	2	3	4	5	6
23. Disciplinar o meu filho(a) não parece ser tão natural para mim como outras tarefas parentais.						
24. Tenho dificuldade em fazer com que o meu filho(a) me ouça.						
25. Outros pais parecem conseguir estabelecer melhor limites aos meus filhos(as) do que eu ao meu.						
26. Estabelecer limites ao meu filho(a) é relativamente fácil para mim.						
27. Quando o meu filho(a) teste os limites que estabeleci, fico bastante desencorajada.						
28. Dizer “não” ao meu filho(a) quando o problema não é a segurança é difícil para mim.						
29. Dou liberdade suficiente ao meu filho(a) para que explore ativamente o ambiente.						

Para todas as afirmações descritas em baixo, vai encontrar seis opções de resposta, que variam entre **o 1 que corresponde ao concordo totalmente e o 6 que corresponde ao discordo totalmente.**

Brincar	1	2	3	4	5	6
30. Consigo sempre pensar em alguma coisa para brincar com o meu filho(a).						
31. Acho difícil desprender-me e simplesmente brincar com o meu filho(a).						
32. Sou uma parceira divertida nas brincadeiras com o meu filho(a).						
33. Sou capaz de me envolver ativamente nas brincadeiras com o meu filho(a).						
34. Brincar é uma parte do relacionamento com o meu filho(a) em que tenho uma ligeira dificuldade.						
35. Preciso de aprender como me conseguir divertir com o meu filho(a).						
36. Penso que estou o tempo necessário a brincar com o meu filho(a).						

Ensinar	1	2	3	4	5	6
37. Acredito que o meu filho(a) aprende muito através dos meus esforços em lhe mostrar coisas.						
38. Acompanhar o meu filho(a) na aprendizagem da fala e da compreensão de palavras é uma parte da ação parental que deixo para outras pessoas.						
39. Sentar-me regularmente com o meu filho(a) a ler ou a realizar uma outra atividade não é difícil para mim.						
40. Provavelmente não sou assim tao extraordinária a ensinar o meu filho(a) coisas sobre o mundo.						
41. Tenho alguma dificuldade em perceber qual o melhor nível de instrução quando tento ensinar alguma coisa meu filho(a).						
42. Ensinar ao meu filho(a) as cores e nomes de objetos não é dos meus pontos mais fortes.						
43. O meu filho(a) aprende mais através de mim do que qualquer outra pessoa da vida dele(a).						
44. Encontro facilmente oportunidades de explicar coisas sobre o mundo durante as interações diárias com o meu filho(a).						
45. Embora goste de ensinar ao meu filho(a) coisas sobre o que os rodeia, esta não é uma área da ação parental em que me sinto muito preparada.						

Para todas as afirmações descritas em baixo, vai encontrar seis opções de resposta, que variam entre o **1 que corresponde ao concordo totalmente** e o **6 que corresponde ao discordo totalmente**.

Cuidados Práticos	1	2	3	4	5	6
46. Tenho sido capaz de estabelecer uma rotina diária com o meu filho(a) que é confortável para os dois.						
47. Sou capaz de oferecer ao meu filho(a) uma boa organização diária.						
48. Tenho conseguido, com regularidade fazer com que o meu filho(a) coma.						
49. Sinto que não tenho controlo sobre os hábitos de dormir do meu filho(a).						
50. Não sou muito capaz de fazer com que o meu filho(a) cumpra as suas tarefas diárias.						
51. Embora tenha tentado fazer com que o meu filho(a) coma bem, os meus esforços têm tido pouco sucesso.						
52. Não tenho conseguido estabelecer uma rotina diária de hora de dormir com o meu filho(a).						
53. Tenho treinado uma rotina diária com o meu filho(a).						

Anexo 4- Escala de Stress Parental
(Berry & Jones, 1995; Mixão, Leal & Maroco, 2007)

As seguintes afirmações descrevem sentimentos e percepções acerca da experiência de ser pai/mãe. Pense em cada um dos itens em termos de como é tipicamente a sua relação com o seu filho. Por favor, indique até que ponto concorda ou discorda dos seguintes itens, colocando o número no respetivo espaço, de acordo com a grelha seguinte.

1	2	3	4	5
Discordo	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo
Totalmente				Totalmente

1. Estou contente no meu papel de pai (mãe)	
2. Faço tudo o que for preciso pelo(s) meu(s) filhos(s)	
3. Cuidar do(s) meu(s) filhos(s), por vezes exige mais tempo e energia do que aquele que tenho para dar	
4. Às vezes penso se faço o suficiente pelo(s) meu(s) filhos(s)	
5. Sinto-me próximo do(s) meu(s) filhos(s)	
6. Gosto de passar tempo com o(s) meu(s) filhos(s)	
7. O(s) meu(s) filhos(s) é uma importante fonte de afeto para mim	
8. A maior fonte de Stress da minha vida é o meu(s) filhos(s)	
9. Ter um filho(s) deixa-me pouco tempo e não me permite uma grande flexibilidade na minha vida	
10. Ter um filho(s) tem sido um peso financeiro	
11. É difícil contrabalançar diferentes responsabilidades por causa do(s) meu(s) filho(s)	
12. O comportamento do(s) meu(s) filho(s) é muitas vezes embaraçador ou stressante para mim	
13. Se fizesse tudo de novo decidia não ter filho(s)	
14. Eu sinto-me oprimido(a) pela responsabilidade de ser pai (mãe)	
15. Ter um filho(s) significa ter poucas escolhas e pouco controlo sobre a minha vida	
16. Sinto-me satisfeito(a) como pai (mãe)	
17. Acho(s) meu(s) filho(s) adoráveis	

Anexo 5- Escala de Conflito Trabalho-Família (WFCS), de Carlson, Kacmar e Williams (2000) - adaptação portuguesa de Vieira, Lopez e Matos (2014).

Relativamente à conciliação de papéis e responsabilidade nos domínios do Trabalho e da Família, leia cada uma das afirmações seguintes e assinale a resposta que melhor a caracteriza, de acordo com as alternativas que se seguem:

	Discordo fortemente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo fortemente
	①	②	③	④	⑤
1. O meu trabalho faz com que não possa estar tanto com a minha família como gostaria.	①	②	③	④	⑤
2. O tempo que tenho de dedicar ao meu trabalho não permite dedicar-me de igual modo a atividades e responsabilidades da casa.	①	②	③	④	⑤
3. Tenho de faltar a atividades familiares devido ao tempo que tenho de dedicar ao trabalho.	①	②	③	④	⑤
4. Quando chego a casa do trabalho estou frequentemente demasiado exausto para participar em atividades/responsabilidades familiares.	①	②	③	④	⑤
5. Muitas vezes quando chego a casa do trabalho estou tão esgotado emocionalmente que isso impede de me dedicar à minha família.	①	②	③	④	⑤
6. Devido a todas as pressões no trabalho, por vezes quando chego a casa estou demasiado stressado para fazer as coisas que me dão prazer.	①	②	③	④	⑤
7. O modo como resolvo problemas no meu trabalho não é eficaz na resolução de problemas em casa.	①	②	③	④	⑤
8. O tipo de comportamentos que são eficazes e necessários para mim no trabalho não resultariam em casa.	①	②	③	④	⑤
9. O tipo de comportamentos que me levam a ser eficaz no trabalho não me ajudam a ser um melhor pai e marido/companheiro.	①	②	③	④	⑤
10. O tempo que dedico a responsabilidades familiares interfere muitas vezes com as minhas responsabilidades no trabalho.	①	②	③	④	⑤
11. O tempo que passo com a minha família faz com que muitas vezes não tenha tempo para participar em atividades de trabalho que poderiam ser úteis para a minha carreira.	①	②	③	④	⑤
12. Tenho de faltar a atividades de trabalho devido ao tempo que tenho de dedicar a responsabilidades familiares.	①	②	③	④	⑤
13. Devido ao stress em casa, estou muitas vezes preocupado com assuntos familiares no trabalho.	①	②	③	④	⑤
14. Porque estou muitas vezes stressado com responsabilidades familiares, tenho dificuldades em concentrar-me no meu trabalho.	①	②	③	④	⑤
15. Muitas vezes, a tensão e a ansiedade da minha vida familiar diminuem a minha capacidade para desempenhar o meu trabalho.	①	②	③	④	⑤
16. O tipo de comportamentos que resultam para mim em casa não parecem ser eficazes no trabalho.	①	②	③	④	⑤
17. O tipo de comportamentos que são eficazes e necessários para mim em casa não resultariam no trabalho.	①	②	③	④	⑤
18. O modo como resolvo problemas em casa não parece ser tão útil no trabalho.	①	②	③	④	⑤

Anexo 6- Pedido de autorização e Consentimento informado



Título da dissertação: “*A relação entre autoeficácia parental, stress parental e conflito trabalho-família durante a pandemia Covid-19*”

Exmo. Senhor Diretor

Eu, Marta Alexandra Vieira e Silva, aluna do 2.º ano do curso de Mestrado em Psicologia da Educação da Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga, encontro-me a desenvolver um estudo sobre a “*Relação entre a Autoeficácia parental, o Stress parental e o Conflito trabalho-família durante a pandemia Covid-19*”. A presente investigação integra-se no âmbito do desenvolvimento do meu projeto Dissertação de Mestrado, orientado e supervisionado pela Professora Doutora Ângela Sá Azevedo, docente na mesma universidade. Neste sentido, venho pedir a autorização para proceder à recolha de dados, através de um *link* que seria disponibilizado por via *email* e **dirigido aos pais dos estudantes com idade até aos 16 anos**. Os dados serão recolhidos através da aplicação dos seguintes questionários/instrumentos de avaliação:

1. Questionário Sociodemográfico (anexo 1)
2. Escala de Autoeficácia Parental (anexo 2)
3. Escala de Stress Parental (anexo 3)
4. Escala de Conflito Trabalho-Família (anexo 4)

O preenchimento dos dados terá uma duração de aproximadamente de 10 minutos. Agradeço desde já a atenção dispensada, encontro-me ao dispor para qualquer esclarecimento que considere pertinente.

Atenciosamente,

Braga, 22 de outubro de 2021

A supervisora

A aluna

Assinado por : **Ângela Maria Pereira e Sá Azevedo**
 Num. de Identificação: BI08082047
 Data: 2021.10.24 22:54:45+01'00'

Eu, _____, Diretor do _____ declaro que

Autorizo ☐ / Não Autorizo ☐ (assinalar com um X a opção) a recolha de dados através da instituição.



Exmo. Pais/Encarregados de Educação

Consentimento informado

Eu, Marta Alexandra Vieira e Silva, aluna do 2.º ano do curso de Mestrado em Psicologia da Educação da Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga, encontro-me a desenvolver um estudo sobre a *“Relação entre a Autoeficácia parental, o Stress parental e o Conflito trabalho-família durante a pandemia Covid-19”*. A presente investigação integra-se no âmbito do desenvolvimento do meu projeto Dissertação de Mestrado, orientado e supervisionado pela Professora Doutora Ângela Sá Azevedo, docente na mesma universidade. Neste sentido, venho pedir a vossa participação, através do preenchimento de um questionário cujo *link* que será disponibilizado por via *email*. Pedimos a participação dos pais com idades compreendidas entre os 25 e os 50 anos, com filhos até aos 16 anos.

O preenchimento terá uma duração de aproximadamente 10 minutos. Agradeço desde já a atenção dispensada, encontro-me ao dispor para qualquer esclarecimento que considere pertinente.

A aluna estagiária,

(Marta Silva)

Braga, 20 de outubro de 2021

Tabela 1

Análise da Assimetria e Curtose

Idade			
Assimetria			-.363
Curtose			-.042
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	0.63	146	.200
Escolaridade			
Assimetria			2.774
Curtose			17.371
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.287	146	<.001
Intervalo de idades dos filhos			
Assimetria			-.025
Curtose			-1.488
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.223	146	<.001
Escala de Autoeficácia Parental (EAEP)- Total			
Assimetria			-.760
Curtose			-.286
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.154	140	<.001
EAEP- Dimensão Autoeficácia Positiva			
Assimetria			-.775
Curtose			-.525
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.140	141	<.001
EAEP (+) - ACPPD			
Assimetria			-.812
Curtose			-.537
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.170	141	<.001
EAEP (+) - EIS			
Assimetria			-.353
Curtose			-.828
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.098	144	.002
EAEP- Dimensão Autoeficácia Negativa			
Assimetria			1.589
Curtose			3.662
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.128	143	<.001
EAEP (-) - PND			
Assimetria			2.470
Curtose			9.125
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.162	143	<.001
EAEP (-) - CN			
Assimetria			.639
Curtose			.138
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.111	144	<.001

Escala de Stress Parental (ESP)- Total			
Assimetria		-.630	
Curtose		2.751	
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.090	146	.006
ESP- Dimensão Preocupações Parentais			
Assimetria		.747	
Curtose		.221	
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.112	146	<.001
ESP- Dimensão Satisfação Parental			
Assimetria		-3.100	
Curtose		12.453	
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.287	146	<.001
ESP- Dimensão Falta de Controlo			
Assimetria		-1.208	
Curtose		5.227	
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.219	146	<.001
ESP- Dimensão Medos e Angústias			
Assimetria		-.864	
Curtose		-.006	
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.237	146	<.001
Escala de Conflito Trabalho-Família (ECTF)- Total			
Assimetria		.421	
Curtose		.235	
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.070	146	.077
ECTF- Total (direção Trabalho-Família)			
Assimetria		.296	
Curtose		-.187	
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.078	146	.029
ECTF- Dimensão Conflito baseado no Tempo			
Assimetria		-.249	
Curtose		-.847	
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.118	146	<.001
ECTF- Dimensão Conflito baseado na Tensão			
Assimetria		.531	
Curtose		-.553	
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.156	146	<.001
ECTF- Dimensão Conflito baseado em Comportamento			
Assimetria		.766	
Curtose		-.263	
Kolmogorov-Smirnov	<i>Estatística</i>	<i>gl</i>	<i>Sig</i>
	.217	146	<.001

Anexo 8- Resultados

Tabela 1.1

Autoeficácia Parental e Stress Parental

		<i>Stress</i>	PP	FC	MA	SP
		Parental				
Autoeficácia Parental	r	.158	.143	.130	-.008	.104
	p	.062	.093	.125	.921	.219
AEP positiva	r	.020	-.050	.056	-.091	.048
	p	.813	.559	.509	.282	.573
ACPD	r	.031	-.026	.049	-.083	.063
	p	.719	.758	.565	.329	.461
EIS	r	-.024	-.114	.056	-.117	.009
	p	.774	.175	.504	.162	.914
AEP negativa	r	.214*	.276***	.169*	.036	.127
	p	.010	<.001	.043	.665	.129
CN	r	.320***	.326*	.217*	.219*	.180*
	p	<.001	<.001	.009	.008	.031

Nota. *r*: Pearson; *r_s*: Spearman; ACPD: Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento; EIS: Equilíbrio Independência-Segurança; CN: Controlo Negativo; PND: Permissividade, Negligência e Desinteresse; AEP: Autoeficácia Parental; PP: Preocupações Parentais; FC: Falta de Controlo; MA: Medos e Angústias; SP: Satisfação Parental.

* $p \leq .050$; ** $p < .010$; *** $p < .001$

Por outro lado, (Tabela 1.1) não foram descobertas associações entre as restantes variáveis, ou seja, entre a Autoeficácia Parental com o *Stress* Parental, com as Preocupações Parentais, com a Falta de Controlo e com os Medos e Angústias ($p = .062$; $p = .093$; $p = .125$; $p = .921$, respetivamente). Também não se descobriram relações significativas entre a Autoeficácia Parental Positiva com o *Stress* Parental, com as Preocupações Parentais, com a Falta de Controlo e com os Medos e Angústias ($p = .813$; $p = .559$; $p = .509$; $p = .282$, respetivamente). Relativamente às Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento, não foram reveladas correlações significativas entre o *Stress* Parental ($p = .719$), as Preocupações Parentais ($p = .758$), a Falta de Controlo ($p = .565$), os Medos e Angústias ($p = .329$). A ausência de relações

verificou-se igualmente entre a variável Equilíbrio Independência-Segurança e o *Stress* Parental ($p = .774$), as Preocupações Parentais ($p = .175$), a Falta de Controlo ($p = .504$), os Medos e Angústias ($p = .162$). A Autoeficácia Parental Negativa apenas não demonstrou associações significativas com os Medos e Angústias ($p = .665$). Relativamente à ausência de relação entre as dimensões das variáveis supracitadas, pode verificar-se que não se relacionam umas com as outras.

Tabela 1.1.1

Autoeficácia Parental e Stress Parental

		<i>Stress</i>	PP	FC	MA	SP
		Parental				
PND	r_s	-.137	-.150	-.052	-.104	.060
	p	.103	.072	.539	.216	.477

Nota. r_s : *Spearman*; PND: Permissividade, Negligência e Desinteresse; AEP: Autoeficácia Parental; PP: Preocupações Parentais; FC: Falta de Controlo; MA: Medos e Angústias; SP: Satisfação Parental.
 $*p \leq .050$; $**p < .010$; $***p < .001$

Com recurso ao teste de *Spearman* (Tabela 1.1.1) para avaliar a correlação entre a dimensão Permissividade, Negligência e Desinteresse e o *Stress* Parental e suas dimensões, conclui-se que não existem relações significativas entre a Permissividade, Negligência e Desinteresse e o *Stress* Parental, entre as Preocupações Parentais, a Falta de Controlo, os Medos e Angústias e a Satisfação Parental ($p = .103$; $p = .072$; $p = .539$; $p = .216$; $p = .477$, respetivamente). Isto indica que as variáveis supracitadas não se correlacionam.

Tabela 1.1.2

Autoeficácia Parental e Stress Parental

		Autoeficácia	AEP	ACPD	EIS	AEP	CN
		Parental	positiva			negativa	
SP	r_s	.104	.048	.063	.009	.127	.180*
	p	.219	.573	.461	.914	.129	.031

Nota. r_s : *Spearman*; ACPD: Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento; EIS: Equilíbrio Independência-Segurança; CN: Controlo Negativo; PND: Permissividade, Negligência e Desinteresse; AEP: Autoeficácia Parental; SP: Satisfação Parental.
 $*p \leq .050$; $**p < .010$; $***p < .001$

Com recurso ao teste de *Spearman* (Tabela 1.1.2) para avaliar a correlação entre a dimensão Satisfação Parental e a Autoeficácia Parental e suas dimensões conclui-se que não existem relações significativas entre a Satisfação Parental e a Autoeficácia Parental, entre a Autoeficácia Parental Positiva, as Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento, entre o Equilíbrio Independência- Segurança, e entre a Autoeficácia Parental Negativa ($p = .219$; $p = .573$; $p = .461$; $p = .914$; $p = .129$, respetivamente). Isto indica que as variáveis supracitadas não se correlacionam. Contudo, foi encontrada uma relação estatisticamente significativa, positiva e muito baixa entre a Satisfação Parental e o Controlo Negativo ($p = .031$, $r_s = .180$), ou seja, quanto maior for a Satisfação Parental, maior será o Controlo Negativo perante os filhos.

Tabela 1.2

Autoeficácia Parental e Conflito Trabalho-Família

		Conflito Trabalho- Família	CT	CTN	CC
Autoeficácia Parental	r	.154	.175*	.191*	.032
	p	.069	.039	.024	.703
AEP positiva	r	-.039	.054	.048	-.134
	p	.646	.526	.571	.114
ACPPD	r	-.014	.443	.500	.221
	p	.873	.141	.141	.141
EIS	r	-.108	.002	.006	-.199*
	p	.198	.980	.943	.017
AEP negativa	r	.243**	.150	.176*	.222**
	p	.003	.074	.036	.008
CN	r	.299***	.211**	.254**	.185*
	p	<.001	.011	.002	.026
PND	r_s	.230**	.169*	.165*	.246**
	p	.006	.044	.049	.003

Nota. *r*: Pearson; *r_s*: Spearman; ACPD: Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento; EIS: Equilíbrio Independência-Segurança; CN: Controlo Negativo; PND: Permissividade, Negligência e Desinteresse; AEP: Autoeficácia Parental; CT: Conflito baseado no Tempo; CTN: Conflito baseado na Tensão; CC: Conflito baseado no Comportamento.
p* ≤ .050; *p* < .010; ****p* < .001

Tabela 1.3

Stress Parental e Conflito Trabalho-Família

		Stress	PP	FC	MA
		Parental			
Conflito Trabalho-Família	r	.549***	.572***	.294***	.457***
	p	<.001	<.001	<.001	<.001
CT	r	.373***	.326***	.250*	.354***
	p	<.001	<.001	.002	<.001
CTN	r	.383***	.411***	.187*	.297**
	p	<.001	<.001	.024	<.001
CC	r	.523***	.539***	.278***	.441***
	p	<.001	<.001	<.001	<.001

Nota. *r*: Pearson; CT: Conflito baseado no Tempo; CTN: Conflito baseado na Tensão; CC: Conflito baseado no Comportamento; PP: Preocupações Parentais; FC: Falta de Controlo; MA: Medos e Angústias; SP: Satisfação Parental.
p* ≤ .050; *p* < .010; ****p* < .001

De outro modo, também não foram descobertas relações entre a Satisfação Parental e a Autoeficácia Parental ($p = .219$), a Autoeficácia Parental positiva ($p = .573$), as Atitudes e Comportamentos Parentais Promotores de Desenvolvimento ($p = .461$), o Equilíbrio Independência-Segurança ($p = .914$), a Autoeficácia Parental negativa ($p = .129$), a Permissividade, Negligência e Desinteresse ($p = .060$) e o Conflito baseado na Tensão ($p = .091$). No que respeita à dimensão Permissividade, Negligência e Desinteresse, revelaram-se igualmente ausentes relações entre o Stress Parental ($p = .103$), as Preocupações Parentais ($p = .072$), a Falta de Controlo ($p = .539$) e, os Medos e Angústias ($p = .216$) (Anexo 1). Relativamente à ausência de relação entre as dimensões das variáveis supracitadas, pode verificar-se que não se relacionam umas com as outras.